PINGO DE LAVA

OS MONTANHEIROS

SOCIEDADE DE EXPLORAÇÃO ESPELEOLÓGICA

ILHA TERCEIRA - AÇORES

NÚMERO 14

BOLETIM INFORMATIVO

MARÇO 1992



Aproxima-se a Primavera de 1992...

Como habitualmente de algumas dezenas de anos a esta parte,praticamente desde a constituição desta Sociedade, vão recomeçar as caminhadas "em forma" ao interior da Ilha Terceira.

O suave e cadenciado deslizar da água riacho abaixo em direcção à ribeira que lhe define o rumo. O alegre e sibilino chilreio da passarada esvoaçando de árvore em árvore. O láparo ziguezagueando por entre os arbustos ou cruzando velozmente o trilho. O borbotar da fonte, naturalmente apta a irrigar o solo e a sacear o viandante que a descobre. A luxuriante vegetação que desabrocha de uma letargia forçada pela intempérie. A amena e refrescante brisa que sopra no cimo do monte...

... Tudo isto são cambiantes que tornam a ILHA...VIVA !

Neste pequeno "Mundo de 9 Continentes" em que nos situamos,rodeados de mar por todos os lados, o horizonte do nosso quotidiano

é forçosamente limitado. Compete ao ilhéu encontrar as formas de alargar esse horizonte, e uma delas é precisamente aquela que propomos : caminhar pela Natureza e receber todos os benefícios que ela pode transmitir à nossa actividade pessoal, familiar e profissional.

Para além da máxima "mens sana in corpore sano", estes passeios pelo interior da Ilha podem proporcionar a necessária inspiração ao poeta ou ao pintor; a descontracção ao estudante face às provas a que tem que se submeter; o desenferrugamento ao sedentário funcionário público; a descoberta de novas fontes de estudo para o investigador ou para o professor. Enfim, um enriquecimento cultural para todos, um salutar convívio e a indispensável manutenção física para as exigentes tarefas do dia a dia.

Como se disse, "OS MONTANHEIROS" organizam estes passeios desde os anos 60, embora com hiatos devidos a motivos de força maior.

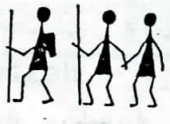
A partir de 1988, com "NATURALMENTE NATUREZA" (organização conjunta com a D.R.A.C.), essas caminhadas passaram a ter um carácter sistemático, sendo dotadas das estruturas mínimas indispensáveis,designadamente uma calendarização prévia e uma propaganda adequada. Aliàs, nesse ano até se verificou uma surtida à vizinha Ilha do Pico para a escalada da grande Montanha.

Seguiram-se "AO ENCONTRO DA ILHA" (1989), "A ROTA DO AÇOR"(1990) e "O OLHO DO MILHAFRE" no ano transacto de 1991. Foram denominações várias para uma mesma realidade, com o que se pretendeu e pretende inovar e manter vivo o interesse de todos os que apreciam o contacto com a Natureza e com os encantos que a caracterizam.

Assim, nos próximos meses de Abril e Maio e, mais tarde, em Setembro e Outubro, os participantes nestes passeios serão levados a conhecer vários e belos recantos desta Ilha Terceira, ILHA VIVA como as demais, destacando-se a sempre apetecível jornada da Caldeira de Santa Bárbara, ex-libris vulcânico desta ilha.

Mas outros passeios, igualmente aliciantes foram programados pelo pelouro da nossa colectividade encarregado de os organizar, e de que se dá notícia algo circunstanciada nas páginas centrais deste número de "PINGO DE LAVA".

Esperamos que, à semelhança do que tem acontecido nos anos anteriores, as pessoas acompanhem e participem em mais esta iniciativa de "OS MONTANHEIROS", e que a ILHA VIVA contribua para uma VIDA MELHOR.



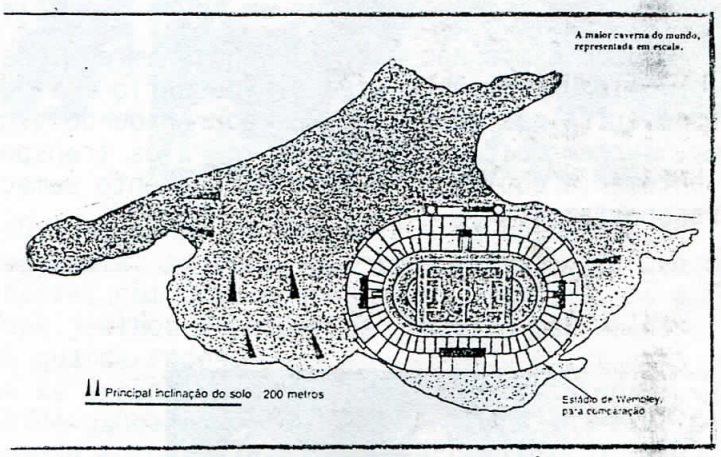


SABIA QUE ...

... a Estalactite mais longa que se conhece é uma coluna apoiada por uma parede, medindo 59 metros desde o tecto ao chão (na Cueva Nerfa, perto de Málaga, Espanha). A mais longa Estalactite não apoiada situa-se na caverna de Poll-Iona, em Country Clarke (Irlanda). A mais alta Coluna numa caverna tem 32m e é a Coluna Bicentenária situada na caverna de Ogle, Novo México (USA). A Estalagmite mais alta conhecida fica na caverna Aven Armand, em Lozére (França): é a Grande Estalagmite, que alcançou uma altura de 29 metros desde o chão da caverna, e foi descoberta em Setembro de 1897...

... as formas das Estalactites variam: algumas são longas e finas, outras formam estruturas semelhantes a cortinas (nos casos em que a água infiltrada escorre ao longo de um tecto inclinado. Um vento constante que sopre na caverna poderá fazer com que a estalactite fique curva. As Estalagmites também variam de forma: algumas assemelham-se a pilhas de pratos, outras têm saliências e estrias que as fazem assemelhar-se a gigantescas pinhas. Ocasionalmente, uma estalagmite e uma estalactite crescem ao encontro uma da outra, produzindo uma coluna...

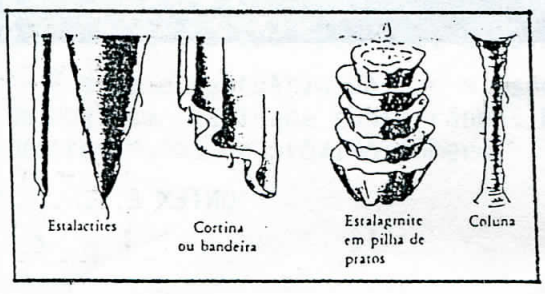
... a maior Câmara de uma caverna, em todo o Mundo, é a de Lobang Nasip Baqus, no Parque Nacional de Gunung Mulu, em Saramak (Malásia), descoberta e explorada em 1980: o seu comprimento total é de 700 metros e a sua largura de 300 metros, não tendo, em tempo algum, menos de 70 metros de altura. O Estádio de Wembley caberia num dos extremos desta cavidade...



... o mais extenso sistema de cavernas do Mundo é o que se situa por debaixo do Parque Nacional Mammoth Cave, num planalto calcáreo em Kentucky (USA) e foi descoberto em 1799: tem mais de 60.000 algares à superfície e um comprimento total de mais de 360 Km de passagens subterrâneas registadas em mapas...

AS MAIS PROFUNDAS CAVERNAS POR PAÍSES
Estas profundidades estão sujeitas a revisões contínuas

Profundidade m		
1490	Gouffre Jean Bernard (!)	França
1338	Sima de las Puertas de Illamina	Espanha
1280	Snezhnaya, Cáucaso	URSS
1240	Sistema Huautla	México
1175	Mammuthöhle	Áustria
950	Antro di Corchia	Itália
860	Reseau de Siebenhengste	Suíça
800	Anou Boussouil	Argélia
783	Jaskini Snieznej, Tatras	Polónia
765	Brezno pri Gamsovi Glavici	Jugoslávia
751	Ghar Parau, Zagros	Irão
700	Kef Toghobeit	Marrocos
308	Ogof Ffynnon Dou	Gales
214	Giant's Hole System	Inglaterra
179	Reyfad Pot	Irlanda do Norte
140	Carrowmore Cavern	Rép. da Irlanda



(Recolha e coordenação de J.M.BOTELHO)



Prof. PARDAL

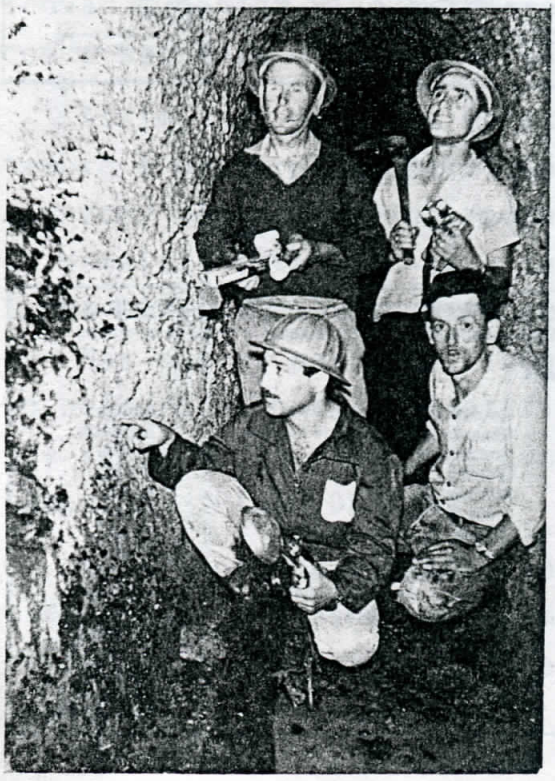
ESPELEOTÉCNICA

2. O VESTUÁRIO

A vestimenta do espeleólogo amador, desde os seus começos até aos nossos dias, pouco mudou. Os nossos primeiros exploradores ou "curiosos" das cavidades vulcânicas, pelo simples facto de, inopinadamente, depararem com os "buracos" no seu caminho, naturalmente usavam a roupa que trajavam no momento da descoberta ou do encontro, para a "visita" a esses buracos; os que, mais tarde, se aventuravam depois de uma primeira experiência, levariam consigo trajes mais adequados à permanência nos tubos vulcânicos e ao respectivo acesso.

Debruçando-nos concretamente sobre o Vestuário em si, ele era constituido inicialmente por roupa simples, ou seja, a mais usada roupinha que existia em nossas casas. Com o decurso dos tempos, foram aparecendo fatos-macaco, luvas, botas de cano (ou de borracha); para protecção da cabeça,em substituição de um simples boné ou gorro de lã, surgiram os capacetes usados para a construção civil, e, para os pés, botas confeccionadas em couro com sola em borracha dura.

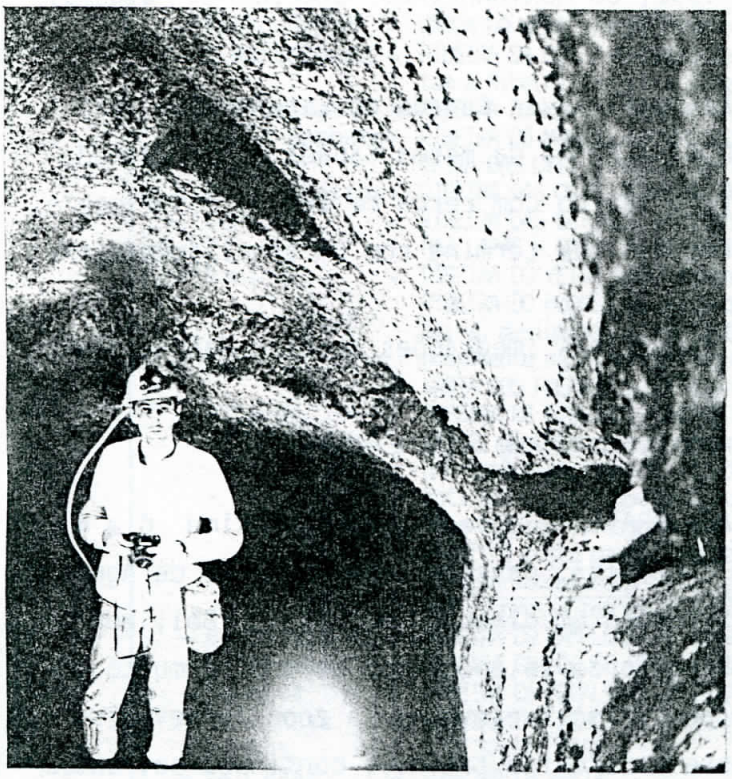
Mas...o tempo não parou! E, hoje em dia, para a exploração de uma cavidade, o espeleólogo procura o tipo de vestuário mais adequado e mais confortavel, face às características da gruta a percorrer ou do algar a penetrar. É que, não raras vezes, surgem obstáculos em que, para os transpor, se torna necessário estar convenientemente equipado, e esse equipamento começa precisamente com o vestuário que transportamos.

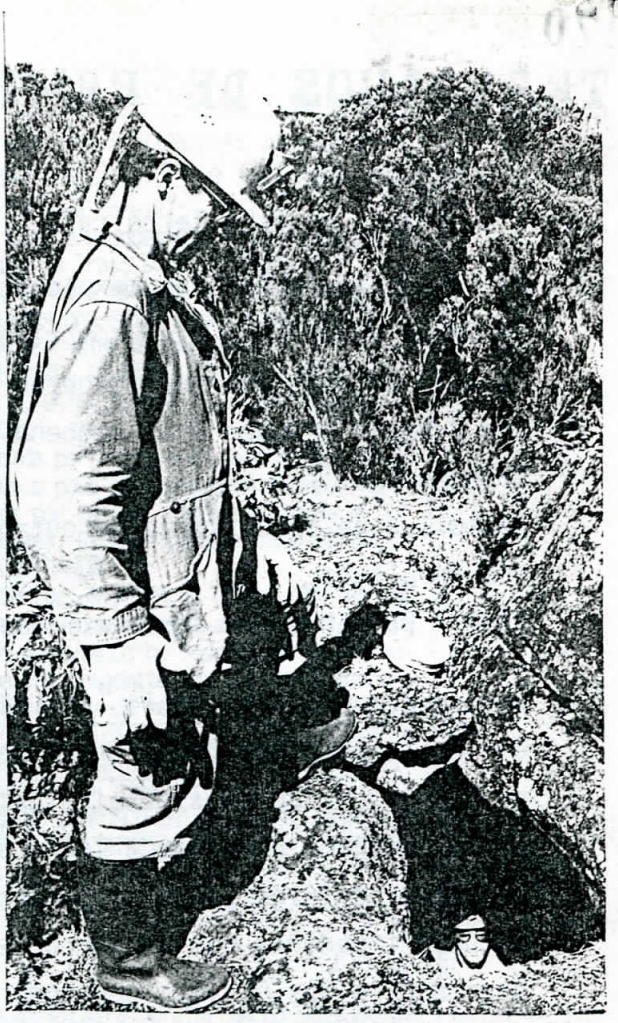




ONTEM E...

...HOJE !





Assim, temos a considerar:

- O FATO/MACACO - é o ideal, sem dúvida, sendo de preferir o de botões ao de fecho éclair, pois este encrava com frequência; se possivel, impermeável, já que em algumas cavidades existem passagens baixas com água e, por vezes, lama. E, se o fato não estiver adaptado com reforço nos joelhos e cotovelos, poderão ser usadas as vulgares joelheiras e cotoveleiras de guarda-redes.

Devido ao seu custo, ou à falta de se arranjar um razoavelmente resistente,o espeleólogo, por vezes, usa umas calças de ganga e uma camisa com roupa interior para prevenção contra o frio que eventualmente encontre nas grutas;

- CALÇADO - devem ser utilizados sapatos ou botas de sola dentada, para uma melhor progressão no chão da gruta ou, então, a bota de borracha ou de cano, como é vulgarmente conhecida;

- MEIAS - deverão ser, preferencialmente, de algodão, para protecção da pele ao contacto directo com as botas; a não ser assim, poderão ocorrer pequenas e incómodas feridas que tornam penoso o andamento do espeleólogo;

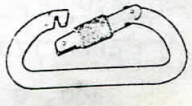
- LUVAS - aconselháveis, designadamente em rastejos longos, em que o piso da cavidade seja do tipo "aa". Também nas descidas em que se utilizam cordas, e no trabalho com instrumentos delicados ou de precisão (máquina fotográfica,bússola,etc.); neste caso, ao usá-las, manterá as mãos limpas para lidar com tais instrumentos;

- SACO OU BORNAL - conveniente, sobretudo para o transporte de material ou alimentos, podendo ser impermeável ou não;

- CAPACETE - essencial ao espeleólogo, já que a cabeça é a parte do corpo mais sensível a qualquer pancada, ocasionada por mero descuido ou pela queda de pedras.

E este o Vestuário de que o Espeleólogo necessita para uma eficiente exploração de qualquer cavidade subterrânea. Dele, destacamos como fundamental o Capacete,que descreveremos no próximo número.

(CONTINUA)



TRABALHOS DE CAMPO

Nos meses de JANEIRO e FEVEREIRO de 1992, "OS MONTANHEIROS" efectuaram algumas saídas de campo, na Ilha Terceira:

- Na freguesia de Altares, exploração do Algar da Canada do Laranjo(com cerca de 5m de altura por 7 de comprimento) e Furna da mesma Canada, com entrada no alto da rocha do mar: pequeno tubo lávico com cerca de 30m de comprimento, com 2 salas grandes e um pequeno rastejo que termina com um afunilamento intransponível;
  Tentativa de localização de outro Algar, nas imediações do Pico Matias Simão, sem resultado.
  (DIA 1 DE JANEIRO - José Maria, Fernando Pereira, João Silva e Artur Silva)

- Reconhecimento do passeio "ENCUMEADA BRAVIA", a realizar no próximo dia 5 de Abril, e integrado no programa ILHA VIVA: passou-se na Nascente da Agua do Rato, subindo-se a Ribeira de São João em direcção ao Pico do Boi; por um velho caminho, rumou-se à TERRA BRAVA, onde se encontrou um trilho muito antigo que se julga ir dar a um dos pontos mais elevados da zona (o nevoeiro e a chuva impediram que se percorresse o referido trilho); continuou-se, então para o Pico dos Cravos, seguindo a cumeada que encosta à Terra Brava, em direcção ao Cabrito, passando por detrás do Pico do Areeiro, até à estrada do Campo de Golfe;
  (DIA 12 DE JANEIRO - José Maria, Fernando Pereira, João Silva, Odília Teixeira,P.Cecílio)

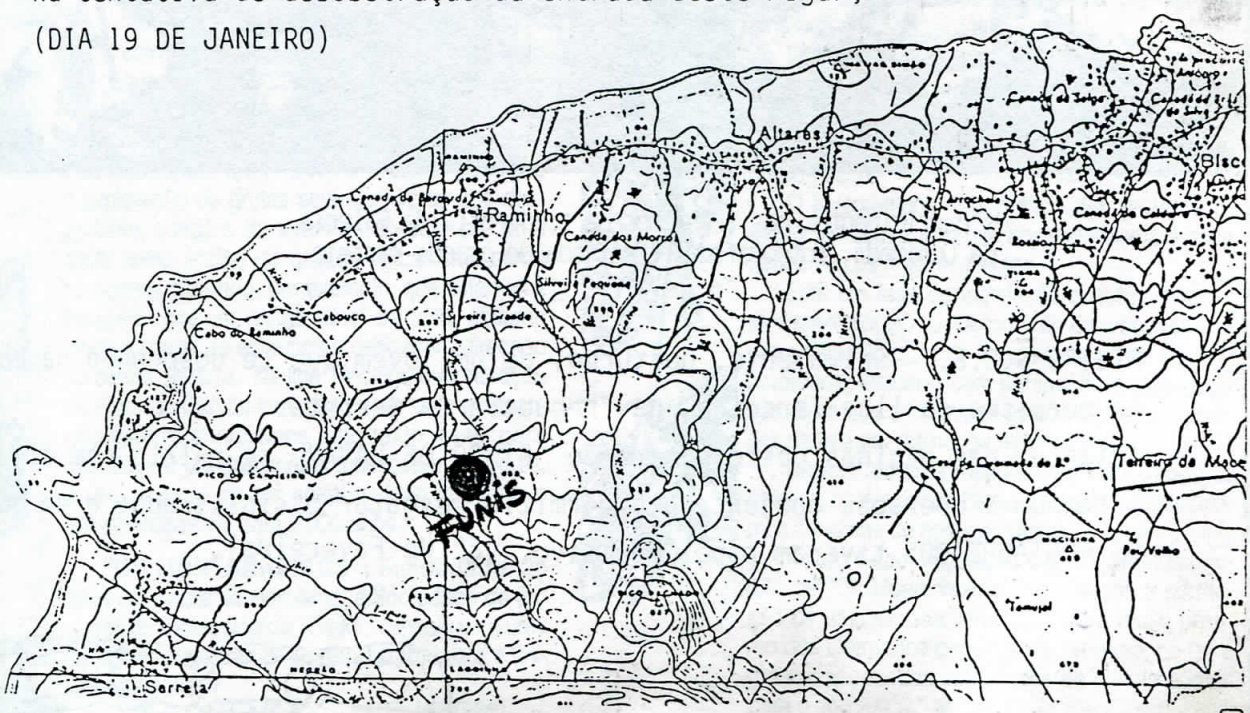
- Com vista a angariação de dados para uma proposta a apresentar às entidades competentes, tendente a afixar placas identificativas das Grotas e Ribeiras que cruzam a estrada das freguesias, deu-se quase a volta à Ilha, na viatura do João Silva, participando também o José Maria, Fernando Pereira e Odília;
  Fez-se uma paragem na Fajã do Raminho, com subida ao alto da Rocha do Peneireiro (uma das mais altas da Ilha), seguindo-se a velha Vigia da Baleia e o Lajão; depois, pela Descida dos Ladris (que dá para a Ponta do mesmo nome), atingiu-se o Calhau das Garças, Poço Negro e Ponta do Arco (um grande arco em pedra com mais de 10m de altura por 7 ou 8 de largura, à beira-mar). Junto a esta Ponta, existe a Furna do Poço Negro, com uma boca de 7 ou 8 metros de altura, mas o acesso é difícil, só possível com cordas ou entrando pelo mar (tal qual como a Furna das Pombas, na Agualva).
  Também se assinalou a Ponta dos Casteletes e o Ilhéu do mesmo nome (entre a Serreta e o Raminho).
  Do centro da freguesia do Raminho, em companhia do sr. António Veiguinha, o simpático Presidente da Junta local, rumou-se para os Funis do Raminho, passando pelo Pico dos Cardosos, Chafariz da Fricota e Chamuscada (vasta área arborizada) e, finalmente, ao tão desejado Algar dos Funis, infelizmente tapado, e que tudo leva a crer se trate do célebre ALGAR descoberto pelo cien-

Ao redor da Ilha Terceira, são inúmeras as GROTAS E RIBEIRAS que correm para o mar:

- Posto Santo - GROTA DO MEDO (Canada Nova e Junto à Igreja);
- S.Bartolomeu - RIBEIRA DA PONTE (Caminho de Cima e Pesqueiro), à qual se juntam a Ribeira Brava e a Ribeira de Trás; DUAS RIBEIRAS;
- 5 Ribeiras - RIBEIRA DO MOURO, RIBEIRA DAS CINCO e RIBEIRA DA CANADA DA PRAIA;
- Santa Bárbara - RIBEIRA DO MANUEL VIEIRA, RIBEIRA DAS SEIS, RIBEIRA DAS SETE, RIBEIRA DAS OITO, RIBEIRA DAS NOVE e RIBEIRA DAS DEZ;
- Doze Ribeiras - RIBEIRA DAS ONZE, RIBEIRA DAS DOZE, RIBEIRA GRANDE e RIBEIRINHA;
- Serreta - RIBEIRA DAS CATORZE, RIBEIRA DO GATO, RIBEIRA DE ALEM, RIBEIRA DAS LAPAS e GROTA DA MARGARIDA;
- Raminho - RIBEIRA DO VEIGA (mais conhecida por Ribeira do Cabo do Raminho), RIBEIRA DO BORGES (a única que o povo da localidade chama de Ribeira, designando as restantes por Grotas, segundo informação do presidente da Junta da freguesia), RIBEIRA DO FRANCISCO VIEIRA, GROTA DOS FOLHADAIS e GROTA DO TRANCÃO;
- Altares - RIBEIRA DE S.ROQUE, RIBEIRA DA LUZ, RIBEIRA DA LAPA e RIBEIRA DOS GATOS. Junto a esta última, existe uma oficina-auto, que faz dela uma autêntica lixeira, usando e abusando no despejo de grande quantidade de óleo queimado, que lhe transmite uma cor negra, dando-lhe um aspecto degradante. Para além do mau cheiro exalado neste local, é posta em risco a saúde pública, pelo que daqui alertamos as autoridades competentes para que se tomem, URGENTEMENTE, medidas rigorosas tendentes a pôr cobro a esta situação.
- Biscoitos - RIBEIRA DO PAMPLONA e RIBEIRA DO CHAMUSCO ou do Vale do Azinhal;
- 4 Ribeiras - RIBEIRA GRANDE (ou Ribeira do Urzal), RIBEIRA PEQUENA e R. SECA;
- Agualva - RIBEIRA DA AGUALVA e RIBEIRA DO OUTEIRO DO FILIPE;
- Vila Nova - RIBEIRA DAS PEDRAS e RIBEIRA DA AREIA;
- Lagens - RIBEIRA DOS PÃES;
- SÃO BRás - RIBEIRA DA AREIA;
- Fontinhas - RIBEIRA DOS PÃES;
- Santa Cruz - RIBEIRA DE SANTO ANTÃO (Casa da Ribeira) e RIBEIRA DO BELO JARDIM;
- Cabo da Praia - RIBEIRA DOS AZEVINHOS e RIBEIRA DE SANTA CATARINA;
- Fonte Bastardo - RIBEIRA DOS AZEVINHOS.

tista francês F.FOUQUE (que visitou os Açores no século passado), já que as medidas correspondem às por ele referidas nos seus escritos. Lá se voltará, na tentativa de desobstrução da entrada deste Algar;

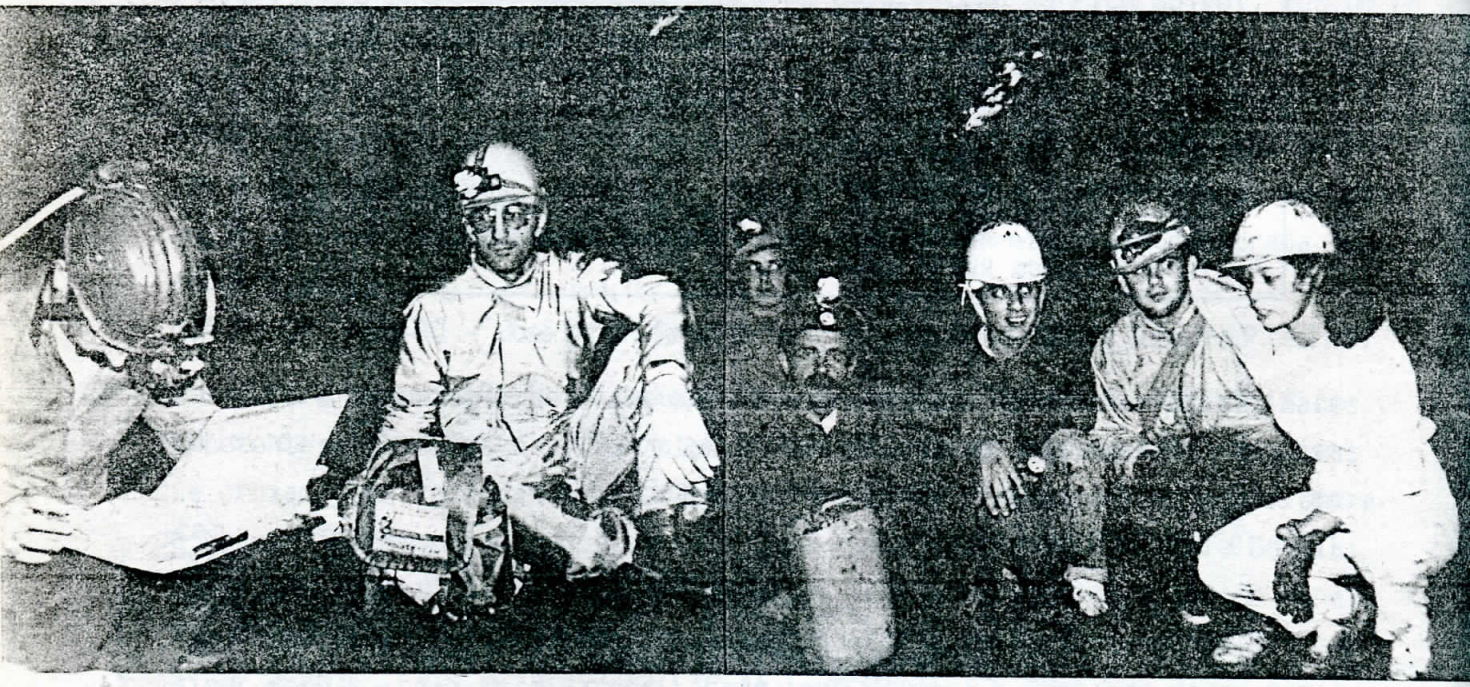
(DIA 19 DE JANEIRO)



- Trabalhos de topografia na GRUTA DO CALDEIRA, situada na zona rural da freguesia dos Biscoitos. (2 de Fevereiro)
  (4 elementos - Paulo Borges, Rosalina Gabriel, Fernando Pereira e Odília Teixeira)

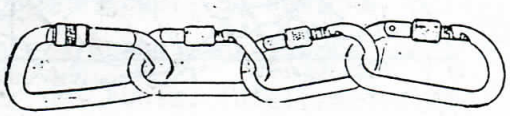
- Reconhecimento de parte do percurso do passeio a realizar no próximo dia 5 de Abril, intitulado "CUMEADA BRAVIA" e integrado no programa ILHA VIVA. (3 elementos - José Maria, Fernando Pereira e Odília Teixeira). 15/2/1992.

- Trabalhos de topografia na GALERIA DA QUEIMADA, um dos mais belos tubos de lava da Ilha Terceira, situada na freguesia dos Biscoitos e pertencente ao derramamento lávico dos Picos Gordos. (16 de Fevereiro)
  (7 elementos - Paulo Borges, Fernando Pereira, João Silva, Odília Teixeira, Luís Avila, Margarida e Sandro)



Os participantes nos trabalhos de topografia da Galeria da Queimada, fotografados à entrada do grande rastejo.

- MISSÃO S.O.S. - Salvamento, nocturno, de um jovem que se despenhou na costa noroeste da Ilha Terceira, na freguesia da Serreta.
  Adiante, nas páginas deste número de "PINGO DE LAVA", se relata com algum pormenor a operação conjunta que permitiu resgatar o sinistrado, e em que OS MONTANHEIROS tiveram papel decisivo. (22 de Fevereiro).



ECOS DA IMPRENSA

Com Sede no Continente, e dirigida por Mário Machado, a revista "EM FORMA" publicou uma reportagem a quatro páginas, profusamente ilustrada, sobre a nossa colectividade, de cujo texto aqui ficam algumas passagens:

REVISTA MENSAL • ANO II • N.º 13 • JANEIRO 92 • 450$00

EM FORMA

DESPORTO & AVENTURA

ESPELEOLOGIA

Viagem ao Centro da Terra... com partida nos Açores

À medida que progredimos, vamos ficando cada vez mais envolvidos por todo aquele ambiente "de meter medo". Sim, porque entrar pela primeira vez numa gruta é algo que nos faz pensar duas vezes. As paredes da caverna, o escuro e o frio próprios dos ambientes fechados, a incerteza do que poderemos encontrar... tudo no fim é pretexto para que a exploração de grutas seja algo típico dos desportistas adeptos da aventura. Descer por uma gruta numa região de grande vulcanismo como os Açores, sabendo, por exemplo, que estamos a progredir por um antigo túnel de lava, assume ainda a magia de estarmos a descer em direcção ao centro da terra. Na ilha Terceira, a exploração do Algar do Carvão tem muito a ver com a descrição com que iniciámos este texto, pois, para além de ser um dos pontos turísticos dos Açores, é uma entrada de um antigo vulcão que esteve em actividade vai para 2.000 anos.

"OS MONTANHEIROS": Fundada há 25 anos em Angra do Heroísmo, a Sociedade de Exploração Espeleológica "Os Montanheiros" é uma das poucas entidades do género no país e a única nos Açores.

Os diversos trabalhos que a associação tem efectuado ao longo dos anos têm sido louvados por várias instituições científicas nacionais e estrangeiras.

Manuel de Aguiar Silva, director do clube, deu-nos uma breve panorâmica do rico historial dessa entidade: "Com cerca de 500 sócios, dos quais se destacam 15 grandes activistas, o nosso clube está bem lançado no panorama da espeleologia portuguesa, pois tem desenvolvido várias acções de grande envergadura em colaboração directa com universidades nacionais e estrangeiras.

O facto da nossa sede, uma antiga casa família dos Cortes Reais, mesmo em frente à baía de Angra do Heroísmo, possibilitar um bom acolhimento ao público que nos procura, permite-nos uma boa actuação em termos locais.

Destaco particularmente as acções de socorro espeleológico, pois temos sido chamados a coloborar com as actividades oficiais quando os turistas se perdem em grutas, trabalho esse de grande risco.

O levantamento topográfico das grutas açorianas também é algo que nos entusiasma e onde temos tido os melhores êxitos.

Está em fase de instalação o nosso "Museu de Espeleologia" com exposição de amostras típicas destas ilhas, tanto à superfície como de profundidade, inclusivé com perspectivas pedagógicas, para que a juventude estudantil tenha hipóteses de estudar melhor os Açores.

Depois temos a manutenção da exploração turística do Alagar do Carvão, local a que dedicamos centenas de horas por ano.

Enfim, é com satisfação que encaramos o futuro de "Os Montanheiros", pois temos a convicção de estarmos na linha correcta e muito próximo dos chamados deportos de aventura, no fim a grande aposta das actividades de cultura e lazer para o ano 2.000." ■

POSTAL DO CONTINENTE

PASSAGEM SUBTERRÂNEA QUE LIGA O SÍTIO DO SABROSO, EM BARCOS, COM O DE SOUTO COVO, EM SANTA LEOCÁDIA, NO CONCELHO DE TABUAÇO - DISTRITO DE VISEU - PROVÍNCIA DO ALTO DOURO

Diz-se que, em tempos remotos, no lugar do Sabrôso, da muito antiga Freguesia e Concelho de Barcos, Distrito de Viseu e Províncias do Alto Douro e Trás os Montes, se deram muitos combates entre Cristãos e Mouros.

O local desses encontos era precisamente na estrada, ou melhor, no caminho que passa tangencialmente ao Cemitério de Barcos e Capelinha onde jaz a Servinha Maria Adelaide e a 100 metros desta última, onde existe um pequeno Cruzeiro.

Também se diz que os Cristãos vinham do Castelo natural do Cabriz, existente na margem direita do Rio Távora e no local onde se encontra, em frente do Mosteiro das Águias. O acesso a esse Castello era difícil e muito perigoso, pois para se utilizar este último era preciso ter uns nervos especiais.

Os Árabes vinham de Lamego e, assim, combatiam os Cristãos no local onde se pode ver o Cruzeiro atrás mencionado. De vez em quando verificavam-se tréguas e durante o período destas últimas efectuavam-se transacções.

É também da tradição que os Cristãos nem sempre saíam vencedores, pelo que se serviam da passagem mencionada no título deste pequeno artigo, para fugirem. Alguns dos actuais habitantes de Tabuaço têm procurado descobrir e explorar, mas sempre sem resultados palpáveis, tal passagem subterrânea. É uma fenda por onde dizem que penetravam os fugitivos, e que lá dentro a escuridão é completa, que ali existem fragmentos de louça de barro, mas que a possibilidade de uma penetraçao mais profunda se torna impossível, dada a existência de seres vivos a que chamam mosquitos, mas que devem ser Artrópodes Troglóbios, animais estes que possuem características morfológicas adaptadas ao habitat.

O estudo da existência destes animais, que diz respeito à Bioespeleologia, tem sido ultimamente efectuado pela Universidade dos Açores - Departamento de Ciências Agrárias - a pretexto do que observaram quando tiveram que descer a um vulcão extinto.

Os Montanheiros Açoreanos - Angra do Heroísmo - Grupo esse que se dedica a estudos de vulcanismo, têm penetrado em sulfataras e em vulcões extintos, a grandes profundidades, mas devidamente equipados. Um destes últimos, do qual, durante muitos anos se desconheceu o que no seu interior, a 100 metros de profundidade, existia, é o que hoje se denomina por Algar do Carvão e que foi um vulcão que se extinguiu há cerca de dois mil anos. O Grupo "Os Montanheiros",

que tem Sede própria e onde vários Jovens, que se dedicam à Espeleologia, têm trabalhado muitíssimo para desvendar certos mistérios, e de tal forma que o Governo dos Açores os tem auxiliado nos seus estudos e aventuras.

Era precisamente um Grupo como este, ou outro mesmo com menos prática, como o que existe em Pombal, que devia penetrar com todos os utensílios necessários para ver o que se verifica em Sabrôso e deixar que este caso saia do campo do "Diz-se...".

Há também, em princípio, o início ou até toda a completa passagem de ligação do Mosteiro das Águias, situado na margem esquerda do Rio Távora e na Freguesia da Granjinha, com um Convento do mesmo nome na Freguesia de Távora, ambas do Concelho de Tabuaço, em que nada se tem feito no sentido de se saber se houve ou não qualquer diligência no sentido de descobrir o que de verdadeiro foi, em tempos, feito...

Santa Leocádia, 27 de Setembro de 1991

BOAVENTURA GONÇALVES DE FREITAS +++

+++

Do JORNAL DA PRAIA, de 30/8/85, reproduzimos aqui o artigo "Ditosa Pátria... Novo Comendador Terceirense":

Terá passado despercebido à maioria dos açorianos, em geral, e dos terceirenses em particular, o facto de, no número de personalidades condecoradas em 10 de Junho, se encontrar um terceirense. Trata-se de Boaventura Gonçalves de Freitas.

Este nosso conterrâneo tem desenvolvido no Continente uma actividade meritória, bastando, para prová-lo, referir que o Engenheiro Boaventura de Freitas está no desempenho do cargo de Presidente da Câmara de Tabuaço, no seu terceiro mandato sucessivo.

Vale a pena conhecer alguns elementos da biografia do ilustre terceirense, agora agraciado com a Comenda da Ordem do Infante.

Nascido em 2 de Fevereiro de 1913, na rua Nicolau Anastácio, nº 14, em Angra do Heroísmo, eram seus pais a srª D.Francisca Borja Lourenço de Freitas e o sr. Manuel Gonçalves de Freitas.

Começou a sua escolaridade em 1919 numa escola particular, passando para a escola primária oficial, e em 1923 ingressou no Liceu de Angra, ao tempo chamado de D.João de Castro.

Concluido o antigo 5º ano em 1928, seguiu para Lisboa a fim de frequentar o Curso de Construções Civis e Obras Públicas que concluiu em 1932, tendo, de imediato, iniciado o seu tirocínio oficial na Junta Autónoma de Estradas de Coimbra e na Câmara Municipal de Lisboa. Enquanto em Lisboa, teve ensejo de frequentar o 1º ano do Curso Complementar do Instituto Superior Técnico.

Munido da sua carta de Curso, Boaventura de Freitas executou alguns trabalhos de estradas na ex-Junta Geral do Distrito Autónomo de Angra, sendo, por exemplo, o autor do projecto da estrada que liga os Fenais ao Carapacho, na Ilha Graciosa.

Regressou ao Continente quando,em 1934, foi contratado para prestar serviço como adjunto do Engenheiro Chefe da 3ª secção de Construções da Junta Autónoma de Estradas, em Coimbra.

Ao passar para o quadro permanente da Junta Autónoma de Estradas, o Engº Freitas foi colocado na Direcção de Estradas do Distrito de Viseu para chefiar a 3ª secção de Serviços de Conservação, onde se manteve até 1945, altura em que, por requisição do Ministério das Colónias, foi prestar serviço em Angola, onde chefia várias Brigadas e Secções de Estradas, desenvolvendio um intenso trabalho. A sua actividade no ex-ultramar português ainda se desenrolou em S.Tomé e na Guiné.

Em 1968, e por motivos de saúde, regressou à Metrópole. Restabelecido, recomeçou a trabalhar em 1969 na Secção de Obras Rurais da Câmara Municipal de Coimbra.

Em Janeiro de 1977, e em resultado das eleições autárquicas, o Engº Boaventura de Freitas assume a presidência da Câmara Municipal de Tabuaço,cargo que exerce, no términus do seu terceiro mandato.

CARTAZ

Terceira Açores

3ª RONDA "OS MONTANHEIROS"

3 / 5 Abril 1992

Passeio . Todo-o-Terreno

Shell Shell

20 de Março - Conferência de Imprensa (na Sede de OS MONTANHEIROS): apresentação da RONDA aos órgãos da Comunicação Social e público em geral. (21H00)

21 de Março - Abertura das inscrições (20H00), na Sede de OS MONTANHEIROS.

24 de Março - Fecho das inscrições (22H00).

25 de Março - Divulgação da Lista de inscritos (21H00)

1 de Abril - Briefing com Participantes, Comunicação Social e público em geral (21H15).

3 de Abril:

17H30 - Concentração dos Participantes, junto ao Pavilhão Municipal de Angra;

18H00 - Briefing de Partida;

18H30 - Início da 1ª Secção - PROLOGO - que determinará a ordem de partida para a 2ª Secção).

4 de Abril:

12H00 - Concentração dos Participantes, no Adro da Igreja da Sé;

12H30 - Briefing de Partida;

13H00 - Partida para a 1ª parte da 2ª Secção - REGULARIDADE,com cerca de 140 Kms;

21H00 - Partida para a 2ª parte da 2ª Secção - NAVEGAÇÃO COM REGULARIDADE, com cerca de 60 Kms.

5 de Abril:

09H00 - Concentração dos Participantes, no Parque Fechado,à Rua da Rocha;

09H30 - Briefing de Partida, na Estrada do Cabrito. Breve confraternização com os participantes do Passeio a Pé, ingrado no programa ILHA VIVA-92, denominado CUMEADA BRAVIA, que se inicia neste local.

10H00 - Partida para a 1ª parte da 3ª Secção - NAVEGAÇÃO POR BÚSSOLA, com cerca de 30 Km;

13H00 - Partida para a 2ª parte da 3ª Secção - NAVEGAÇÃO POR CARTA, com cerca de 40 Km;

21H00 - Cocktail-convívio de entrega de troféus e encerramento da RONDA, na Sede de OS MONTANHEIROS.

A HORA OFICIAL da RONDA estará à disposição dos Participantes, durante as diversas concentrações





MISSÃO S.O.S.

O MAR DOS AÇORES E O MAURIZIO

ACIDENTE NA COSTA DA SERRETA

UM MEMBRO DA ORGANIZAÇÃO "PATRIACHE" CAI CERCA DE 60 METROS E ESCAPA ILESO.

No dia 22 de Fevereiro de 1992, cerca das 15.00 horas um grupo de elementos da Organização Patriache resolveu aproveitar o bom tempo e lá foram até à costa da Serreta em frente à Pousada.

Maurizio Beltramo, de 24 anos, de Torino, Italia, decidiu descer a rocha no local conhecido por CANTO DOS DOIDOS para tocar o Mar dos Açores, situada na Fajã da Serreta entre o Bico da Ponte e o Canto do Oiro.

A descida decorreu até certa altura, bem. Mas um passo em falso e lá vai Maurizio em queda, parando numa pedra, distando cerca de 60 metros do ponto de partida, e em vertical.

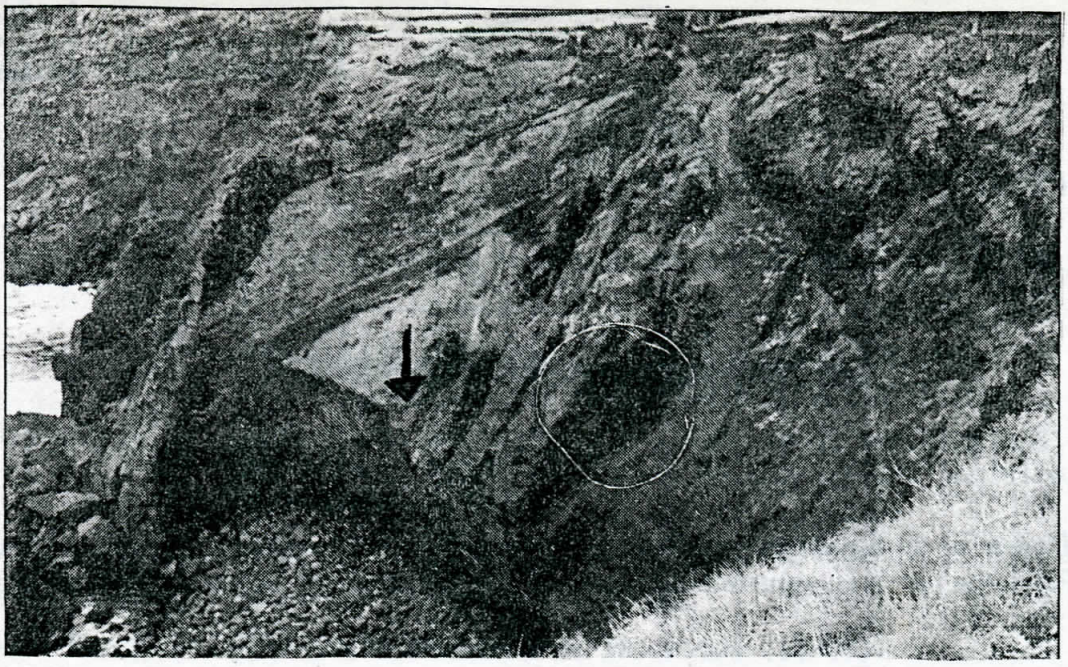
Após a queda os amigos alertaram os Bombeiros Voluntários de Angra do Heroismo, cerca das 15.30 horas.

Os Homens da Paz ao chegarem ao lugar do sinistro montaram o dispositivo de salvamento, cordas, gerador para fornecimento de energia eléctrica,iluminando a rocha, enfim tudo a postos. Fizeram a descida para proceder ao resgaste do acidentado, mas devido às dificuldades do local onde este se encontrava e o equipamento que possuem, não permitiu levar a bom termo o salvamento.





O regresso do "salvado" e do salvador...



Cerca das 21.00 horas a Protecção Civil contactou Os Montanheiros que de imediato se dirigiram ao local do sinistro. Após a montagem do equipamento, usado por aquela associação em espeleologia vertical(utilizando técnicas de alpinismo de montanha)
foi feita uma primeira descida para estudar "in loco" as manobras necessárias ao salvamento do sinistrado que se encontrava muito nervoso e com frio mas já mais esperançado com a possibilidade de escapar com vida.

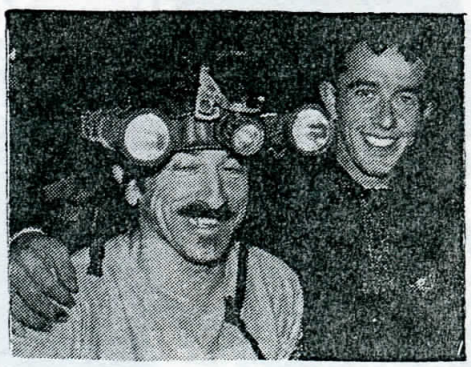
Na segunda descida o espeleologo Fernando Pereira, levou a corda, rádio necessário ao resgate em segurança do nosso "Italiano".

Perto da 1.00 hora da madrugada, Maurizio pisa terreno seguro após a escalada da rocha quase abrupta, ajudado pelos Bombeiros. "Atacou" uma sande e bebeu um cafézinho, tendo jurado que nunca mais se meteria noutra escalada.

O local fica entre o Miradouro da Serreta e a estrada de acesso ao Farol.

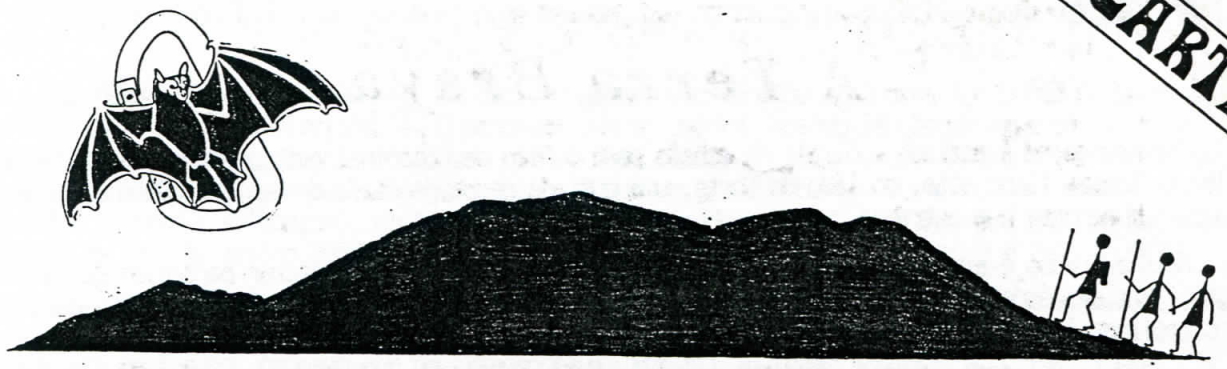
Equipa de OS MONTANHEIROS

Descida e salvamento:- Fernando Pereira
Suplente:-LUIS VASCONCELOS
Segurança:-José Maria Ferreira Botelho
-José Manuel Sousa
Reportagem fotográfica:-Manuel de Aguiar Silva
Viaturas:-Manuel Aguiar Silva
-Paulo Alexandre Borges
Relatório:-Manuel de Aguiar Silva
Material de espeleologia vertical:-OS MONTANHEIROS
Faltas:-Material de transmissão rádio para alerta e para o salvamento (foi fornecido pela Protecção Civil)



HAPPY END !

CARTAZ



ILHA VIVA

OS MONTANHEIROS 92

① **CUMEADA BRAVIA** (5 DE ABRIL)

② **LAGOAS DA SERRA** (25 DE ABRIL)

③ **O ARREPIANTE MORRO ASSOMBRADO** (10 DE MAIO)

④ **NO TRILHO DA LAGOINHA** (24 DE MAIO)

⑤ **ENTRE PICOS E VALES** (6 DE SETEMBRO)

⑥ **O ASSOMBROSO PICO RACHADO** (20 DE SETEMBRO)

⑦ **PICOS DO MORIÃO** (18 DE OUTUBRO)

ESTE PROGRAMA PODE SER ALTERADO, POR CIRCUNSTANCIAS DE FORÇA MAIOR, DESIGNADAMENTE MAS CONDIÇÕES ATMOSFERICAS (CHUVA E OU NEVOEIRO), RECORRENDO-SE A ALTERNATIVAS E OU ADIAMENTOS.
AS INSCRIÇÕES, FEITAS NA SEDE DE OS MONTANHEIROS ATE A VESPERA DE CADA PASSEIO, FICAM CONDICIONADAS AO Nº DE VIATURAS DISPONIVEIS.



A Terra Brava

Quem percorre a estrada central, da Achada para o Pico da Bagacina, avista a meio da Caldeira de Guilherme Moniz, lá do alto, do lado do Norte, uma cumiada negra, cortada de dentes, que nos oferece contra o céu um recorte bem estranho.

Mais estranho é ainda o panorama caótico que se depara a quem se aventurar para além dessa cortina negra. O relevo é desordenado e confuso. Aos altos cumes tanto se apoiam biscoutos mais ou menos planos,como declives ásperos, às vezes quase a pique, descendo para fundões semeados de charcos.

Toda aquela vasta zona do centro da ilha Terceira, é constituída pelos destroços de um vulcão, ainda mal estudado, o chamado vulcão da Agualva. Ainda ninguém ordenou aquilo num conjunto aceitável. Para a nossa gente é a TERRA BRAVA. O nome é bem apropriado, pois tudo ali é rústico, áspero e bravio, desde os picos, os outeiros e as covas, até a vegetação que tudo invade e que em certas partes se emaranha de tal sorte, que ninguém rompe por ela.

Para tornar o quadro ainda mais intimidante e inseguro, tudo aquilo se envolve, às vezes num repente, de um nevoeiro espesso, um tanto barbudo, como lhe chama a gente do mato. É necessário então apelar para as nossas forças, para não perder a serenidade e conservar o sentido da orientação.

A TERRA BRAVA é muito vasta. O seu perímetro andará por uns doze a quinze quilómetros e a área abrangida dentro desse perímetro deve atingir talvez uns cento e cinquenta moios.

A parte virada ao Sul, aquela que vemos da Caldeira de Guilherme Moniz, começa no Pico do Boi,ao nascente, estendendo-se até ao Galhardo, a poente, por cima das Furnas do Enxofre.

Daí segue para o Norte por cima do Chama até à rocha do Juncal e de lá desvia-se para nordeste pelo biscouto das Ferrarias até ao Pico das Pardelas, que é o limite norte de todo o circuito. Do Pico das Pardelas vem para lessueste até ao Pico Alto e daí, já virando mais ao Sul pelo Pico das Lagoinhas,vai fechar o circuito outrà vez no Pico do Boi. Isto é muito simples de dizer, mas não é nada fácil transportar as lembranças de algumas andadas por ali, para a carta da ilha, levantada há perto de setenta anos por oficiais da Comissão Geodésica, representada hoje pelo Instituto Geográfico e Cadastral.

Deve dizer-se que esta carta, na escala de 1/50.000, faz honra ao pessoal que fez os levantamentos e à Cpmoissão que a publicou. Em todas as numerosíssimas voltas por esta ilha, durante anos,a carta geodésica, como geralmente se lhe chamava, mostrou-se sempre exacta, até mesmo nos caminhos de pé posto que lá vêm indicados com linhas pontuadas.

Evidentemente que na carta, em que toda a Terra Brava ocupa menos de um cecímetro quadrado, não poderíamos esperar grandes pormenores, nem sobretudo abundância de nomes. Por isso nesta narração, como noutras do mesmo género que temos feito, recorremos aos nomes que ouvimos a gente conhecedora dos lugares. Mas na carta encontramos bem definidos os pormenores do terreno, que pretendemos pôr em destaque, para conhecimento daqueles que queiram exercitar as suas forças e satisfazer a sua curiosidade na exploração de uma área da nossa ilha que ainda permanece quase como terra incognita, a não ser para os que ali vão cortar madeira ou mato, para os pastores, para os cabreiros e, para alguns caçadores. E também não esqueçamos os arrojados "MONTANHEIROS", que estão fazendo audaciosas explorações por toda a ilha, incluindo as das furnas, cavernas, algares e túneis em que abundam estes terrenos vulcânicos, que por ali se apresentam particularmente rotos.

O meio mais cómodo de se fazer uma ideia da TERRA BRAVA, sem romper as calças nem alagar muito os sapatos, é seguir o caminho que da estrada central nos leva até às Lagoinhas e de lá se desce para a Agualva, num percurso de uns sete quilómetros. Entra-se pelo caminho que conduz ao algar do Carvão,em frente ao pico do Gualpanar, e daí sobe-se ao caminho das Lagoinhas, que acompanha pelo nascente as encostas eriçadas de mato, do Pico Agudo e do Pico Alto. Ao longo deste caminho encontram-se vários fundões com charcos, que devem ser as lagoinhas que deram o nome àquela zona.

Para nascente, o tereno desce e um caminho mau leva-nos em direcção ao pico do Boi, por meio de mato até aos Alagadiços, uns charcos entremeados de chão alagado, que se abate debaixo dos nossos pés, produzindo impressão pouco agradável. Dali se pode sair para os lados do Pico do Boi, ou então subindo por uma vereda que leva até à crista onde embateu há anos um avião colombiano. Delá se desce para a estrada das Fajãs.

Do lado do poente do caminho das Lagoinhas correm as alturas do Pico Alto e do Pico Agudo,que se continuam para o sul, até morrerem no lugar onde deixamos a estrada da Caldeira.

A vasta área a oeste desta cumiada é a mais agreste de toda a TERRA BRAVA. Divide-se ela ainda em 2 zonas, separadas por uma lomba, se assim se pode chamar, que do Pico Alto se dirige para o poente até ao Chama.

Para norte dessa lomba fica o Juncal, no qual se entra pelo caminho do Chama, que parte de ao pé do Pico da Bagacina e nos leva direitos lá. O panorama que se depara, quando lá chegamos, é de assombrar. A esquerda vemos a rocha do Juncal, cortada a pique, duma altura de 100 metros; em frente, o Pico Alto; e, à direita, a lomba que leva ao Pico Agudo. Lá no fundo um grande charco, enramado de junco,um juncal. Tudo aquilo é sombrio e silencioso, contrastando com a claridade e a vida que animam a encosta que subimos, banhada de sol. Um atalho conduz dali até às Lagoinhas, por entre o Pico Alto e o Pico Agudo.

A zona que fica para sul da lomba atrás referida, e que vai do Pico Agudo ao Chama, é a mais difícil de penetrar em toda a Terra Brava. O terreno é muito irregular e o mato é muito denso pelas encostas que descem para um fundão, ocupado por um extenso paul. Por ali se topam arbustos e outras plantas da flora primitiva da ilha, o que justifica nomes como Romanial e Sanguinhal que se dão a vários espaços daquela verdadeira barafunda. Muito há que estudar ali, em tudo o que toca à História Natural. A entrada para esta zona da Terra Brava faz-se pela estrada central, por um caminho mais acima do Pico do Gualpanar, por onde dantes se entrava também para o caminho das Lagoinhas. Havia ali uma cancela, mas agora o largo portal está tapado.

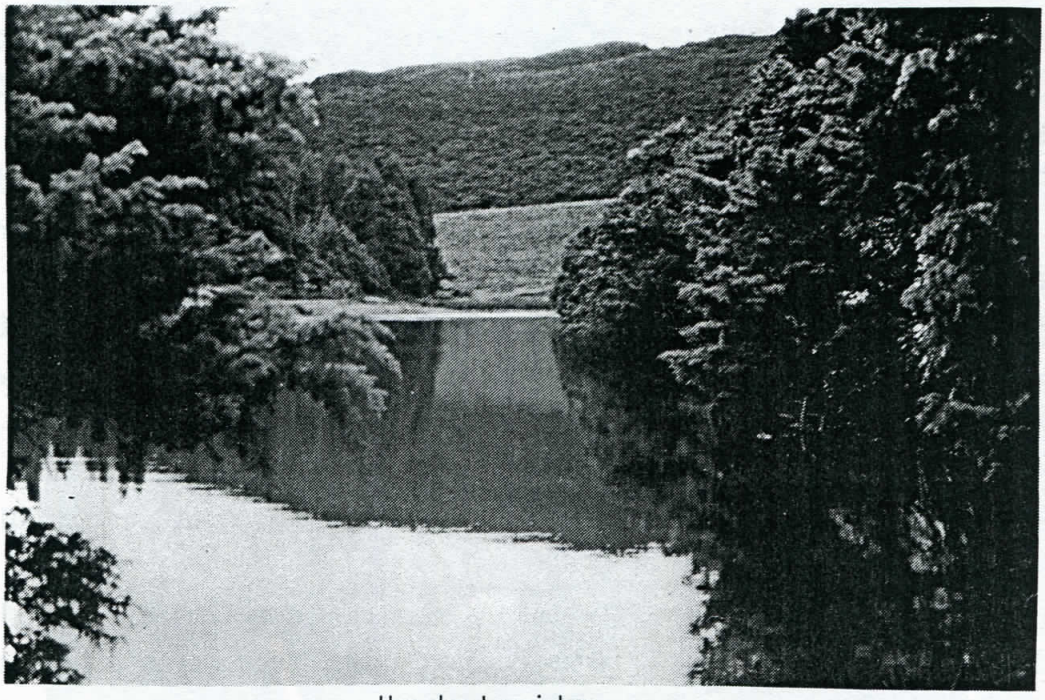
Extensa e difícil de trilhar, a TERRA BRAVA só pode ser abordada aos poucos, aproveitando dias bons. Duas condições essenciais que há que ter em vista: que não haja nevoeiro e que o chão esteja razoavelmente seco. Para tanto, convem aproveitar dias em que a Serra de Santa Bárbara se mostre descoberta, e que não venham depois de grandes chuvadas.

Mais precauções: não aventurar por mato desconhecido, sem um guia seguro. E cuidado com os touros, pois algumas partes da TERRA BRAVA são domínio deles e os intrusos não se livram pelo menos do susto. Aliás, a não ser um mau encontro com alguma rez tresmalhada, não há que temer.

JOSE AGOSTINHO

Palestra proferida no Rádio Clube d'Angra

Maio-1965



Uma das Lagoinhas

ESTRUTURA E MORFOLOGIA DA ILHA

A ilha Terceira é constituida por numerosos aparelhos vulcânicos, os quais deram lugar a emissões de lavas e saídas de abundantes projecções de granulometria diversa.

Sob o ponto de vista estrutural os referidos aparelhos podem ser agrupados em 4 complexos principais, ou seja, de W para E:

1 - Serra de Santa Bárbara;
2 - Maciço da serra do Morião;
3 - Maciço do pico Alto;
4 - Complexo desmantelado da serra do Cume e da serra da Ribeirinha,separadas pela Caldeira dos 5 Picos.

Os quatro complexos referidos apresentam uma estrutura semelhante. São constituidos por um aparelho vulcânico principal circundado por numerosos cones vulcânicos secundários formados de escórias e por diversas saídas de lavas de tipo fissural, alinhadas ao longo das principais fracturas da periferia.

SERRA DE SANTA BARBARA

Trata-se de um enorme aparelho vulcânico de forma tronco-cónica com cerca de 8 a 9 Km de diâmetro e 1021m de altitude, formado essencialmente por projecções, sobretudo de pedra-pomes, com intercalações de lavas andesíticas na base e traquíticas na parte superior.

O corte das arribas da periferia do maciço, visto do mar, mostra uma sucessão de lavas andesíticas em pequenas bancadinhas alternantes com níveis de escórias negras ou castanhas.

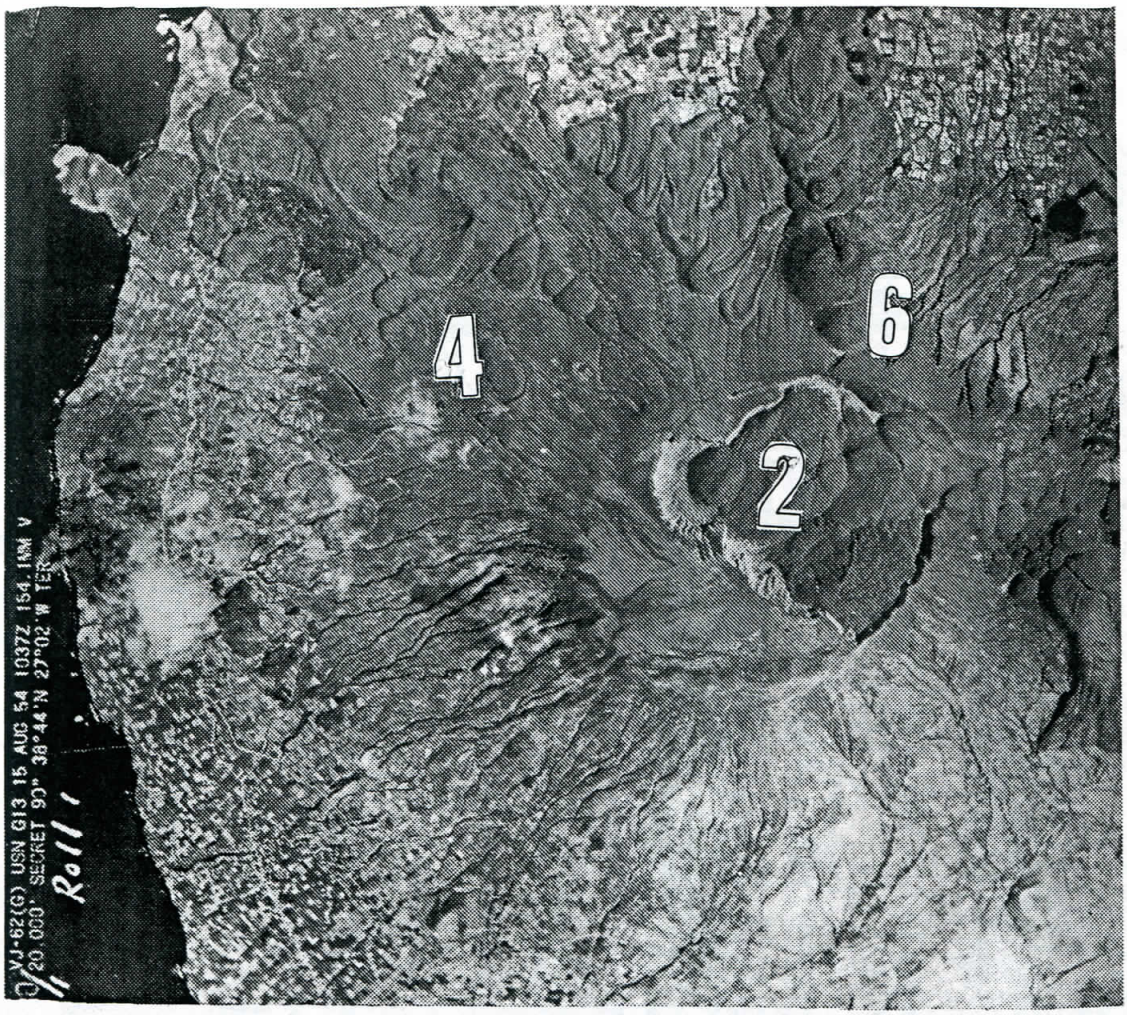
Na parte superior da montanha abre-se uma caldeira cujo maior diâmetro é da ordem dos 2 Km e a profundidade actual de 150m. A caldeira está em grande parte preenchida por um amontoado da lavas traquíticas, mais modernas, onde se nota a presença de 5 ou 6 saídas, das quais quatro alinhadas segundo uma orientação ENE/WSW.

Uma estreita depressão circular, de profundidade variável, subsiste em volta daquela "rolha". Na sua parte ocidental, mais funda, existem pequenas lagoas (Lagoa Negra).

As paredes da caldeira mostram a presença de dois níveis de lavas traquíticas e andesíticas.

As vertentes exteriores da serra de Santa Bárbara apresentam maior declive acima dos 700m. São profundamente recortadas por uma rede divergente de linhas de água, mais densa nos flancos N, W e S.

Nas zonas mais baixas da periferia,os aparelhos vulcânicos secundários estão alinhados ao longo dos principais acidentes tectónicos de orientação NW/SE ou,ainda ao longo de fracturas apresentando um dispositivo mais ou menos radial em relação à montanha.



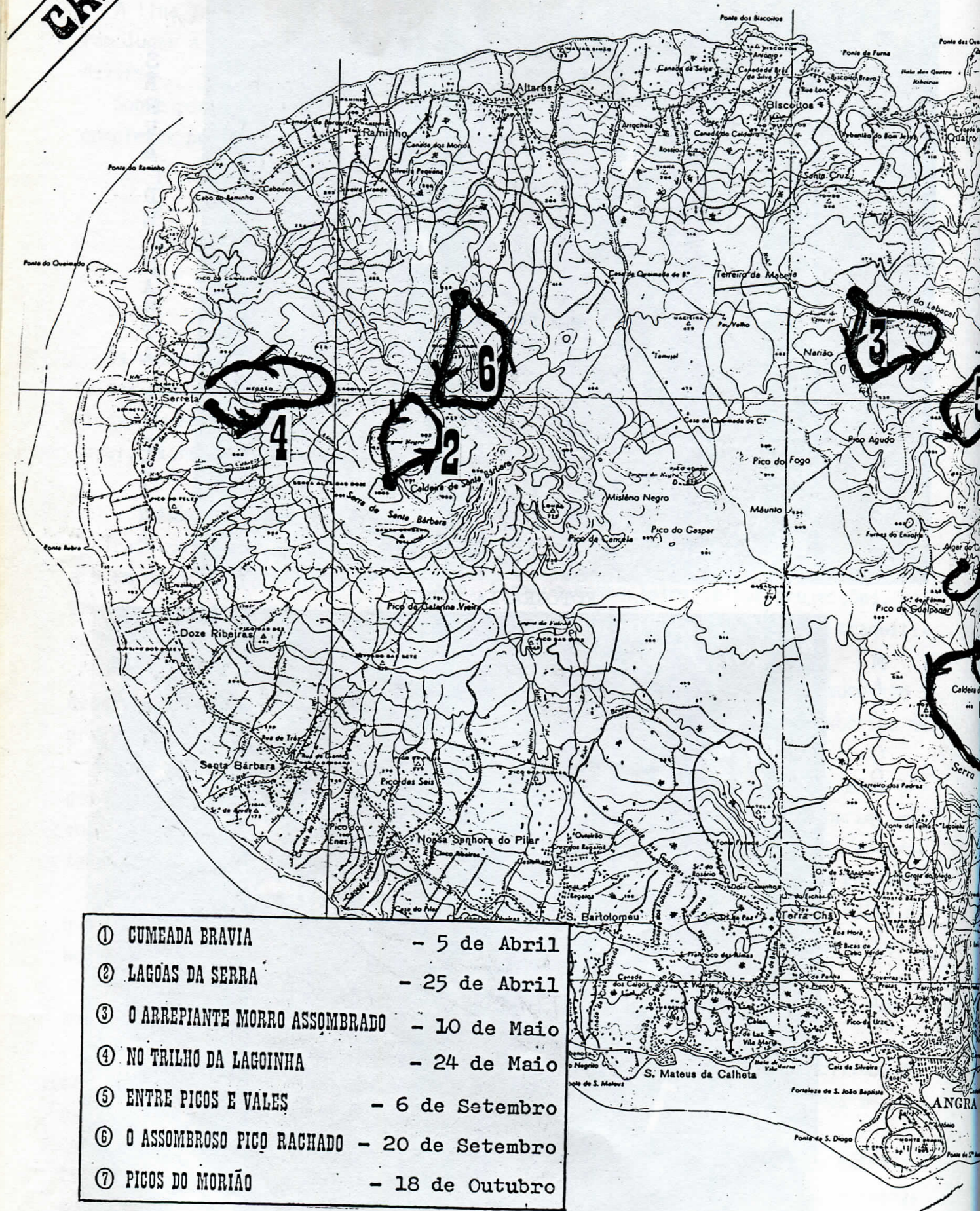
SERRA DE SANTA BÁRBARA

FOTOGRAFIA AÉREA

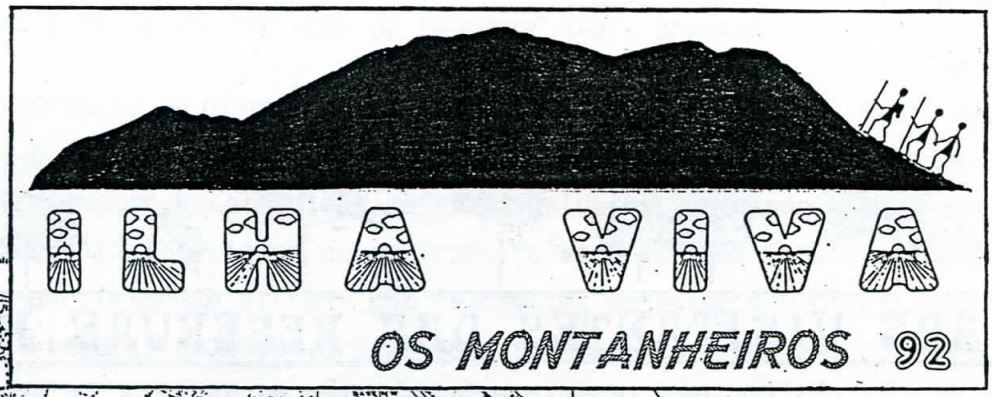


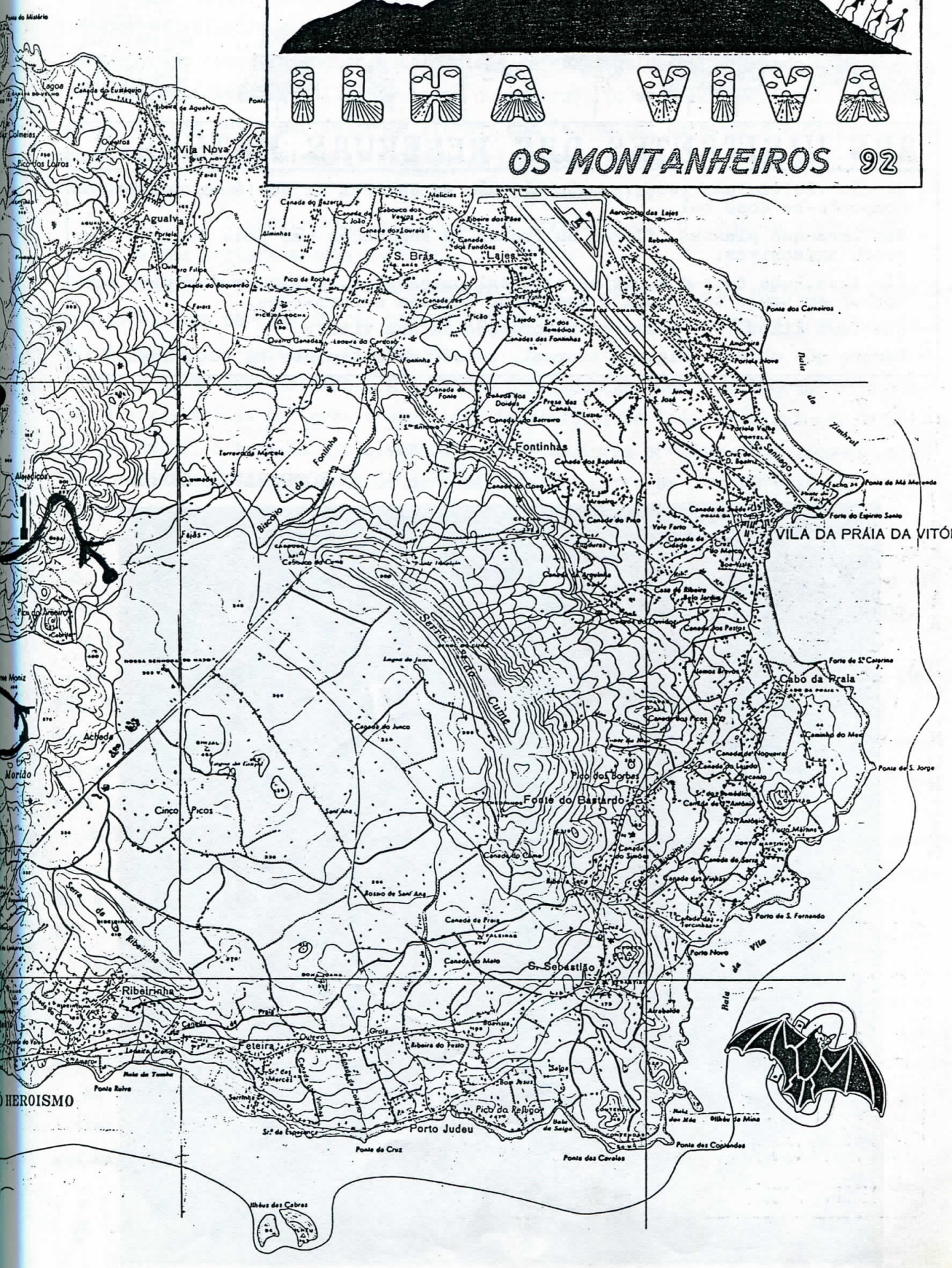
MACIÇO DO PICO ALTO

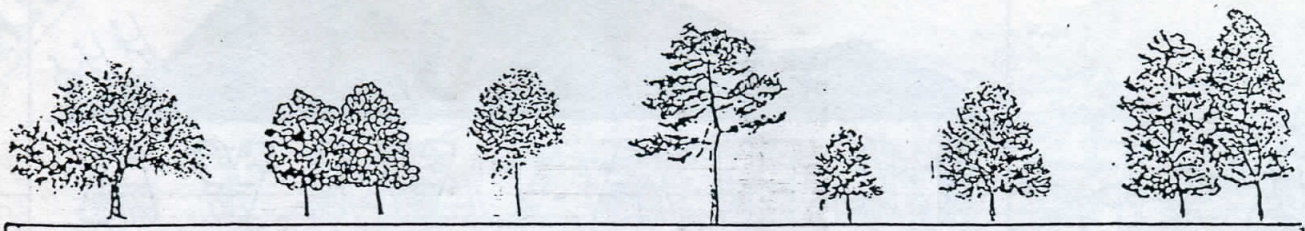
CARTAS



① CUMEADA BRAVIA	- 5 de Abril
② LAGOAS DA SERRA	- 25 de Abril
③ O ARREPIANTE MORRO ASSOMBRADO	- 10 de Maio
④ NO TRILHO DA LAGOINHA	- 24 de Maio
⑤ ENTRE PICOS E VALES	- 6 de Setembro
⑥ O ASSOMBROSO PICO RACHADO	- 20 de Setembro
⑦ PICOS DO MORIÃO	- 18 de Outubro


ILHA VIVA
OS MONTANHEIROS 92


Vila Nova
Agualva
S. Brás
Lajes
Fontinhas
VILA DA PRAIA DA VITÓRIA
Cabo da Praia
Fonte do Bastardo
Pico dos Barbas
Cinco Picos
Achada
Ribeirinha
Feteira
S. Sebastião
Porto Judeu
Serra de Santa Cuitia
Ponte dos Carneiros
Ponte de Cruz
Ponte dos Cavalos
Ilhéus dos Cabras
HEROISMO

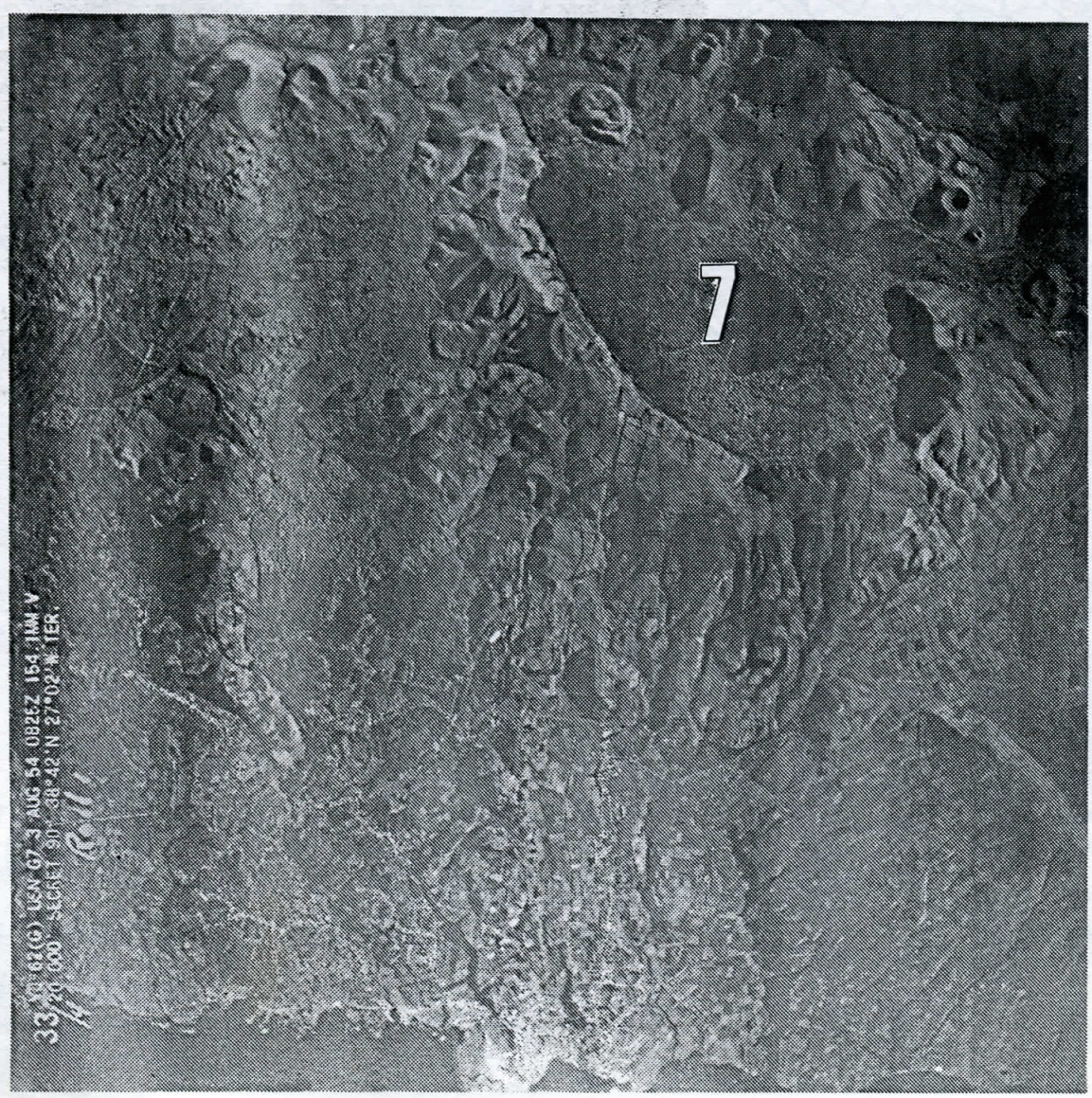


AOS VISITANTES DAS RESERVAS NATURAIS

- Quando visitar uma reserva natural, não se esqueça de que é um convidado. Comporte-se como tal.
- Não arranque plantas, flores ou frutos. A vegetação não pode fugir a seus actos agressivos.
- Não faça lume fora dos sítios para tal preparados. Qualquer descuido pode acabar em pouco tempo com o que levou décadas a formar-se.
- Não faça lixos. Não deixe má recordação da sua visita.
- Sempre que observe algo de anormal, avise imediatamente as autoridades.

FOTOGRAFIA AÉREA

SERRA DO MORIÃO



ROCHAS TRAQUÍTICAS E TRAQUIANDESÍTICAS DA SERRA DE SANTA BARBARA

As suas erupções deram-se ao longo de fracturas de orientação NW/SE e N/S. No interior da caldeira de Santa Bárbara uma erupção traquítica formou um amontoado de lavas que não chegou a encher totalmente a referida caldeira, deixando na sua periferia uma depressão circular. Trata-se de um traquito vacuolar com fenocristais de anortose e uma pasta parcialmente vítrea, com feldspatos potássicos e piroxenas sódicas. A lava, muito viscosa, saíu de várias bocas formando dois conjuntos, separados segundo uma linha de orientação sensivelmente E/W.

O conjunto N é constituido por 5 cabeços arredondados. O conjunto S apresenta restos de uma cratera aberta para NE.

Na vertente W da serra, o aparelho vulcânico da Serreta forma um domo de pequena altura, cujo derrame desceu para W até às arribas. Trata-se de um traquito de fácies escura com anortose e sanidina.

Mais a N, na zona situada a N e NW dos picos da Lagoinha e do Negrão, observam-se diversas saídas de lavas traquíticas localizadas ao longo de fracturas de orientação NW/SE. Situam-se ali diversos cabeços de forma arredondada e algumas crateras meio destruídas de onde os derrames lávicos correram para NW (Mata da Serreta) atingindo o mar a N na ponta da vigia das baleias e a S na ponta da Serreta. Trata-se de traquitos com fenocristais de sanidina e de anortose passando, por vezes, a traquiandesitos; de traquitos porfíricos alcalinos com piroxena sódica e alguma anortose; de traquitos porfíricos com oligoclase, anortose e piroxena sódica e de traquitos com feldspato potasso-sódico, albite e piroxena sódica.

No flanco N da serra existem 3 grupos de aparelhos: um deles, de orientação NW/SE, é constituído por 7 aparelhos contíguos e cujas lavas correram para N até à Ponta da Serra, formando pequenos derrames estreitos e paralelos, cujo comprimento máximo atinge cerca de 1750m. Trata-se de traquitos com anortose, piroxena sódica e pasta parcialmente vítrea.

Um 2º alinhamento de aparelhos vulcânicos apresenta uma orientação N/S; é constituido por 5 ou 6 aparelhos vulcânicos ou saídas de lavas entre os quais o principal é o pico Rachado. O comprimento máximo dos derrames atingiu pouco mais de 2,5 Km. Trata-se de traquitos com fenocristais de feldspato alcalino e piroxena sódica.

Finalmente, um 3º foco vulcânico está localizado a SE do Raminho. As suas lavas correram para N numa distância de pouco mais de 1,5 Km. Trata-se de traquiandesito passando a traquito porfírico com fenocristais de anortose e oligoclase, pasta com aegirina, augite, oligoclase, feldspato potássico, etc.

No flanco E e SE da serra, desde o bordo da Caldeira até o pico da Cancela, existem diversos aparelhos traquíticos alinhados ao longo de fracturas de orientação NW/SE.

HISTÓRIA

OS MATOS DA ILHA TERCEIRA

Fora das Caldeiras, todo o sertão da Ilha é ainda pela maior parte coberto de matos. Neles se encontra a faia, o cedro, o loureiro, a urze, o tamujo, a rapa, a rumania, o azevinho, o sanguinho,o pau branco, o folhado e outras madeiras indígenas que servem para o fogo (o cedro, a rumania, o azevinho, o sanguinho e o pau-branco têm desaparecido; o corte de podão aniquilou de todo essas excelentes madeiras que tanto enriqueciam esses vastos baldios que hoje soltam uma nota tão sentida pelo abandono e incúria a que têm sido votados).

No tempo do seu descobrimento quase toda a Ilha foi encontrada vestida de arvoredo, e rica de madeiras de construção. Todos os antigos Templos e edifícios eram cobertos de cedro do país. Uma tradição nos ensina que as corpulentas vigas, que ainda hojé se observam nos tectos da Catedral, foram cortadas onde presentemente existe a praça antiga (Praça da Restauração). Contudo esta abundância de matos e arvoredos, que aformoseavam e enriqueciam o interior da Ilha hoje se acham mui diminuidos principalmente nos lugares aproximados à cidade (Quase desapareceram de toda a Ilha.Tem-se aclimatado a fragil madeira de pinho, que tendo sido de grande utilidade para o encaixotamento da laranja, hoje, pela desaparição desta, quase só serve para o fogo). As mesmas lenhas para o consumo do fogo doméstico são bastante caras, trazidas a mais de duas léguas de distância, e muitas importadas das ilhas circunvizinhas. A nenhuma polícia neste ramo importantíssimo, entregando-se ao abandono os matos do Concelho e permitindo-se neles o corte de podão, tem sido a origem desta grande falta.

A faia é a única árvore silvestre que nesta Ilha se reproduz bem por corte. De seis a sete anos presta lenhas em abundância, tendo neste espaço enriquecido e fertilizado o terreno, onde é plantada com os estrumes de suas preciosas folhagens. A maior parte das excelentes quintas e pomares da Ilha, devem sua conservação a esta planta prodigiosa. Ela lhes serve de abrigo contra os ventos, e fertiliza seus terrenos. Não acontece porém o mesmo com as outras madeiras indígenas do país. Depois de podadas, mirram seus troncos, e jamais se reproduzem senão por meio de semente. Nada há mais ordinário que ver imensas campinas, noutro tempo tão abundantes em lenha, hoje inteiramente nuas, baldias e eriçadas de espeques incómodos aos homens, e aos gados. As sementes caídas nestes terrenos enraizados de velhos troncos, ficam inteiramente inutilizadas. Este mal cresce de dia a dia, e em poucos anos serão destruidas todas as lenhas da Ilha.

Para obviar tais inconvenientes, seria necessário que as Camaras Municipais tomassem a seu cargo a inspecção e conservação dos matos do Concelho, que obrigassem os cortadores de lenha a usarem do alvião e do machado grosso para arrancarem as zaízes das lenhas, e deixarem o terreno livre às novas plantas nascentes, e que lhes proibissem ao mesmo tempo o cortarem em pequeno as madeiras de construção, deste modo ficariam os terrenos desocupados para neles crescerem novos matos naturais, neles mesmos se poderiam fazer plantios de faias, e doutros arvoredos, o público desde já começaria a gozar o benefício de melhores lenhas para o uso doméstico, que sempre são as das raízes, e a Ilha em breve poderia recuperar neste ramo toda a sua antiga abundância e riqueza. A Ilha Graciosa noutro tempo tão falta de lenhas para o consumo, hoje abunda por meio dos seus matos artificiais. A incúria dos Terceirenses é a única causa desta grande esterilidade. Talvez semelhantes minudências pareçam estranhas e fastidiosas a muitos de nossos leitores; porém o amor da pátria não nos permite suspender a pena, quando nos ocorre alguma reflexão ainda mesquinha, que possa servir ao Público de alguma utilidade.

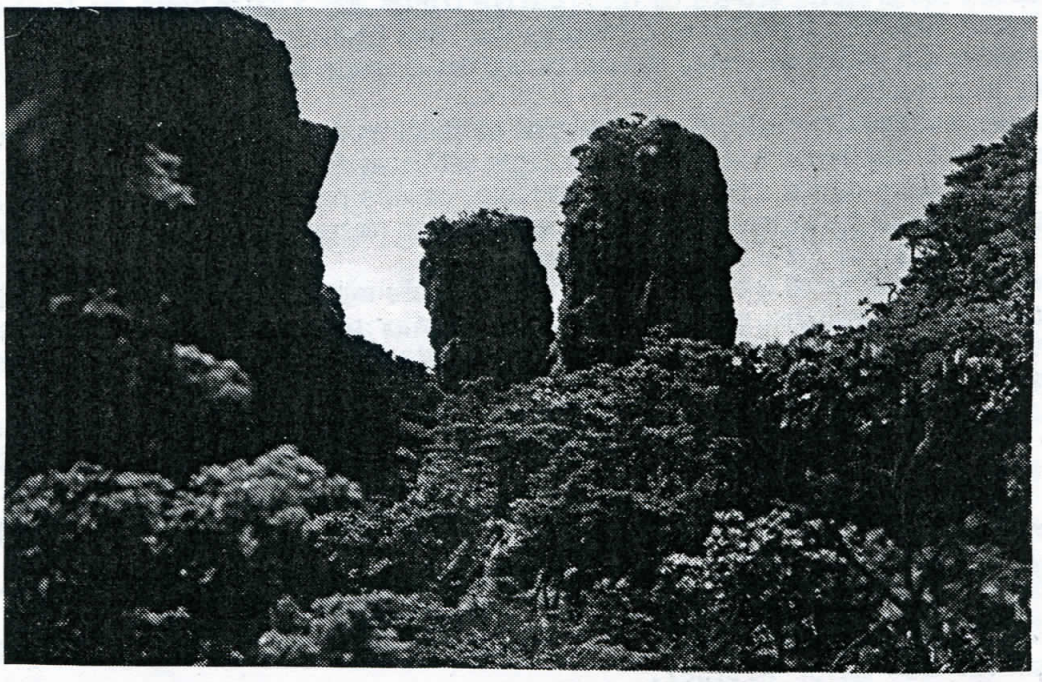
VESTIGIOS VULCÂNICOS

Em quase toda a superfície da Ilha Terceira não há serra, monte, ou vale em que se não observem vestígios de algum vulcão extinto em séculos mui anteriores ao seu descobrimento e povoação. O observador curioso não pode em seus terrenos dar um passo, que não receba sensações de prazer, e ao mesmo tempo de horror e de admiração. Se a formosura e galhardua com que ela se ostenta no meio do oceano, a dão a conhecer como uma filha mimosa da natureza, enriquecida de dons os mais amáveis, e adornada dos encantos os mais atractivos, as cicatrizes que oculta debaixo de seus enfeites, igualmente manifestam os estragos assoladores dos flagelos horríveis que tem sofrido.

Parece que em séculos remotos todos os elementos se conjuraram em perdê-la, e nela formaram o teatro de seus combates espantosos. Aluviões imensos por muitas vezes pretenderam despedaçá-la, rasgando o seu seio em grotas escuras e medonhas, que ainda hoje nos assombram pela sua grande profundidade. Terramotos violentos sacudiram suas bases, e abalaram as colunas da sua consistência; porém, o fogo ainda mais enraivado, e enfurecido, foi sempre o inimigo mais poderoso e pertinaz que ela sentiu, conspirado a queimá-la e reduzi-la a um montão de cinzas. Os terrenos vulcanizados, ou os mistérios, como lhes chamam os do país, que se encontram por toda a parte, assaz provam esses incêndios horrorosos.

(...)

A observação de todos estes lugares não pode deixar de produzir ao viajante meditativo recordações bem tristes e patéticas, contemplando erupções tão espantosas, e a longa carreira, que em sua marcha devastadora fizeram tantos rios de fogo, incendiando e consumindo tantas campinas. E na verdade ! quão horríveis não seriam esses dias medonhos e tenebrosos em que a Ilha Terceira por tantas vezes se apresentou no meio do mar à maneira de um cometa abrasado, levantando às nuvens globos de negro fumo e chuveiros de cinzas ? Quão devorantes não seriam essas labaredas, que saindo furiosas das entranhas da terra derretiam as mesmas pedras, e transformavam os campos em torrentes e lagos de chamas ? A imaginação perde-se no meio destes horrores, e a pena desfalece, quando pretende descrever a natureza irada nos momentos terríveis do seu maior furor.



(...)

Em muitos lugares da Ilha os matos são rotos e cheios de algares profundíssimos, cujas bocas muitas vezes estão escondidas pelos arbustos, que os cruzam e cobrem de verdura. É necessário que os homens, que os pretendem penetrar, os vão sondando atentamente para não serem precipitados em abismos.

Encontram-se ainda nos mesmos matos principalmente para a parte de Santa Bárbara corpulentos cedros enterrados debaixo do chão e perfeitamente conservados (Têm sido explorados estes matos e já se não extraem cedros inteiros.Apenas algumas raízes se encontram que são aproveitadas pelos lenhadores para paus de galocha).

Não se julgue porém que a Ilha Terceira, perseguida e maltratada por tantos flagelos apresenta uma superfície melancólica e medonha. Ao contrário, a sua perspectiva é a mais brilhante, deliciosa e aprazível que se pode imaginar. Estas tristes recordações só ferem o homem pensador quando nos momentos de ócio pretende perscrutar essas catástrofes horrorosas, que felizmente não incomodaram criaturas humanas. Para não despertar essas lembranças, a mesma natureza aplacada teve o cuidado de encobrir todos esses horrores. Pela superfície da Ilha estendeu seu manto esmaltado de verdura e flores para formar dela o mais belo jardim dos Açores. Destes mesmos fogos internos, destes mesmos imensos produtos vulcânicos, que cobrem uma grande parte do seu solo lhe advem a sua beleza e prodigiosa fertilidade.

(IN " TOPOGRAPHIA ou Descripção phisica, politica, civil e ecclesiastica, e historica da Ilha Terceira dos Açores ", pelo Padre Jerónimo Emiliano de Andrade, 1843; com notas, entre parêntesis, do Padre José Alves da Silva,1891)

Serra de Santa Bárbara.

A ascensão da montanha de Santa Bárbara é bastante rude do lado do planalto. Um carreiro escarpado e mal traçado sobe no meio do mato até o cimo, saindo duma plataforma desnudada, semeada de fragmentos de obsidiana e de pedra pomes.

A parte meridional do cimo está cavada por uma profunda caldeira, constituída pela reunião de duas crateras encostadas uma à outra. Uma daquelas cavidades contém uma pequena lagoa, e está cercada por uma muralha de prismas traquíticos; a parte central da outra está ocupada por um amontoado de blocos de lava empilhados numa desordem das mais pavorosas. O ponto mais alto da montanha tem uma altitude cerca de 1000m. Daquele sítio observa-se uma vista muito extensa; vê-se toda a ilha Terceira, S.Jorge, o cimo do Pico, Graciosa e, quando o tempo é muito limpo, descobre-se S.Miguel.

A parte mais alta do maciço é inteiramente formada por lavas ricas em sílica; algumas das lavas emitidas, na base, apresentam também, excepcionalmente, o mesmo carácter e são notadas pela brancura e pela abundância dos cristais vítreos de feldspato que contêm, mas a maior parte das lavas emitidas em altitudes pouco elevadas apresentam os caracteres das lavas basálticas, são densas e negras e, no fundo das torrentes que servem de leito, abundam os grandes cristais negros de piroxena ou os glóbulos esverdeados do perídoto.

Parece que a matéria em fusão, à custa da qual se formaram aqueles corpos, teria sofrido uma separação espontânea semelhante à liquefação das ligas metálicas fundidas.

Os elementos menos densos sobem para a superfície, os mais pesados oferecem a tendência inversa. Dali vem provavelmente a diversidade das lavas emitidas por um mesmo vulcão em épocas pouco afastadas, segundo o ponto em que se faz a saída dos derrames.

Na verdade, existem casos que parecem contradizer aquela explicação tão simples e que a fazem rejeitar por por muitos geólogos; mas a contradição é, na maior parte dos casos, apenas aparente e, por minha parte, não conheço nos Açores nenhum caso em que esta teoria seja, positivamente, desmentida pelos factos.

(AS OBSERVAÇÕES DE F.FOUQUE SOBRE O VULCANISMO DOS AÇORES, G.Zbysewski, Boletim do Núcleo Cultural da Horta, Vol.4, nºs 2-3, 1966/67)



Erupções vulcânicas do Maciço de Santa Bárbara

É no maciço de Santa Bárbara que a sequência das erupções na ilha Terceira se pode observar com maior nitidez.

Em cada fase as erupções parecem ter principiado na parte oriental da ilha, propagando-se progressivamente até a extremidade ocidental.

Primeira fase andesítica - O aparelho inicial da serra de Santa Bárbara foi andesítico. Nas arribas do litoral observa-se a presença de um complexo inferior de lavas negras em bancadinhas, separadas por níveis delgados de tufos e de escórias castanhas ou avermelhadas. Alguns cones de escórias são visíveis em secção nas arribas de Matias Simão, Fajã e do Penedo.

Primeira fase basáltica - Os andesitos do complexo anterior são cortados por filões e cobertos, em certos sítios, por lavas basálticas, das quais algumas de tipo demi deuil . Os basaltos desta fase observam-se nas arribas das regiões de Biscoitos Altares, Raminho, Doze Ribeiras e Santa Bárbara.

Segunda fase andesítica - Uma 2ª fase andesítica sucede à fase basáltica anterior. Os seus derrames observam-se a N na área do Pico M. Simão, a S na área de Doze Ribeiras e de Nª Sª do Pilar.

Fase traquítica e traquiandesítica - Foi caracterizada no interior da Caldeira por uma emissão de traquito muito viscoso, que formou no centro um amontoado caótico.

Terceira fase andesítica - No fim das erupções traquíticas deram-se novas erupções andesíticas nos flancos e na periferia do maciço de S.Bárbara. Além do aparecimento de aparelhos secundários, há que citar o derrame saído do pico da Bagacina e que atingiu S.Mateus, na costa sul da ilha.

Segunda fase basáltica - Sucedendo a 3ª fase andesítica, deram-se na periferia da serra algumas saídas de lavas basálticas. Pertence a esta fase a erupção do século XVIII.

(CARTA GEOLOGICA DE PORTUGAL, Notícia Explicativa da Folha Ilha Terceira, 1971)

VULCANOLOGIA



AGUIAR SILVA

Durante a prática da vulcanoespeleologia (exploração de cavidades de origem vulcânica), contactamos com diferentes formas, dimensões, extensões e formações existentes no interior dos diversos tubos de lava e algares espalhados por quase todas as ilhas dos Açores.

Para perceber a razão da diversidade desses acidentes geológicos, torna-se necessário saber quais as causas.

Para isso, consultamos diversa bibliografia respeitante ao vulcanismo,existente na nossa modesta biblioteca. Mas, no ano de 1991, aquando da nossa deslocação ao Hawaii, a nossa biblioteca ficou enriquecida, com a oferta do vice-consul de Portugal naquele Estado, Sr. Ernest F. Morgado, de um livro com o título "VOLCANOES IN THE SEA - The Geology of Hawaii", da autoria de Gordon A. Macdonald, Agatin T. Abbott e Frank L. Peterson, e editado pela University of Hawaii Press, Honolulu, 1983 e 1986.

A leitura desta obra possibilita o esclarecimento de algumas das nossas dúvidas, e ainda fazermos um paralelismo entre o vulcanismo deste arquipélago e o hawaiiano.

No sentido de possibilitar aos nossos associados que se dedicam à vulcanoespeleologia na Ilha Terceira o tomarem conhecimento dos ensinamentos deste livro, decidi fazer uma tradução, embora literal, mas que penso irá ser de fácil compreensão, esperando assim melhorar o nível de saber do nosso património vulcanoespeleológico.

... ...

VULCÕES NO MAR - Geologia do Hawaii

1, INTRODUÇÃO

Através da face central do oceano Pacífico, a 3 000 Km do continente mais próximo e a 800 Km de outras terras, aparece a fila de ilhas conhecida como o arquipélago Hawaiiano.

Desde a Ilha Kure a noroeste, o arquipélago forma uma linha de ilhas com a orientação sueste com 2 400 Km de comprimento. Cada Ilha é o cimo de uma grande montanha subindo desde o fundo do oceano.

As ilhas da parte noroeste da cadeia são baixas, raramente projectando acima do nível do mar, não obstante as montanhas subirem desde as bases cerca de 5 000 metros. As que formam a cadeia a sudoeste são ainda maiores.

➪

Mauna Kea (Montanha Branca)e Mauna Loa (Montanha Grande), duas das cinco montanhas que formam a Ilha do Hawaii mais a Sul, levantam-se a mais de 9 000 metros acima do fundo do oceano e sobem muito acima das suas bases mais do que qualquer outra montanha na terra.

As oito maiores ilhas são 650 km da cadeia a sudoeste, elevando-se de 350 a 4 000 metros acima do nivel do mar.

A Ilha do Hawaii é de entre outras a maior ilha vulcânica do mundo,e a segunda a Islandia. A sua área é de 10 451 km2, é maior do que todas a outras ilhas hawaiianas juntas, e é três vezes maior que o Estado de Rhode Island.

À orla maritima de algumas ilhas é baixa e estreita perto do nível do mar, mas na parte central de algumas delas as massas são cortadas por abismos, escarpados canyons e encimados com picos aguçados - cenário de montanha, de beleza e grandeza.

Há muitos milhões de anos, uma série de fissuras abriram-se ao longo de uma estreita zona do fundo do oceano com a direcção noroeste. Ao longo dessas fissuras saiu rocha ignea do interior da terra, endurecendo e empilhando-se gradualmente, camada a camada, construindo as montanhas.

Assim a grande cadeia montanhosa que constitui o arquipélago hawaiiano foi quase todo formado por actividade vulcânica. Cada ilha é o cimo de uma enorme montanha, modificada pelas correntes e erosão das ondas e em menor quantidade por produtos orgânicos.

Embora nós não possamos estar absolutamente certos o que causou o vulcanismo que formou as Ilhas Hawaiianas, nos ultimos anos cientistas começam a acreditar que a actividade vulcânica é geralmente relacionada com a teoria das *placas tectónicas*.

Muitos geologistas agora acreditam que a superficie da terra está partida em cerca de dez placas principais e várias outras mais pequenas, cada uma com cerca de cem quilómetros de espessura, as quais movem-se em várias direcções relativamente a umas às outras

Assim, é nos arredores das placas que muitos fenómenos geológicos espectaculares ocorrem-tais como construção de montanhas, terramotos e actividade vulcânica.

As Ilhas Hawaiianas, situam-se quase no meio de uma das maiores de todas as placas, a placa do Pacífico.

Como é então, que o mecanismo das placas tectónicas é responsável pelo vulcanismo Hawaiiano?

Nos últimos anos uma explicação conhecida por teoria do *hot spot* (ponto quente), tem vindo a ser aceite. Esta teoria propõe que uma profunda fonte de calor (*hot spot*) dentro da terra gera continuamente novo magma (rocha fundida) que alimenta os vulcões Hawaiianos. De acordo com esta teoria, o hot spot tem-se mantido relativamente estacionário durante milhões de anos, enquanto a placa do Pacífico na qual assenta as Ilhas Hawaiianas move-se lentamente, em direcção a Noroeste, assim produzindo uma cadeia linear de vulcões que construiram as Ilhas.

Cada vulcão nas Ilhas Hawaiianas é constituido literalmente por milhares de finas camadas de rocha.

Acima do nivel do mar onde a erosão tem cortado nelas, quase todas são derrames de lava, que correram um tanto vagarosamente à superficie. O material atirado pelas explosões é quase nulo na parte visivel das montanhas.

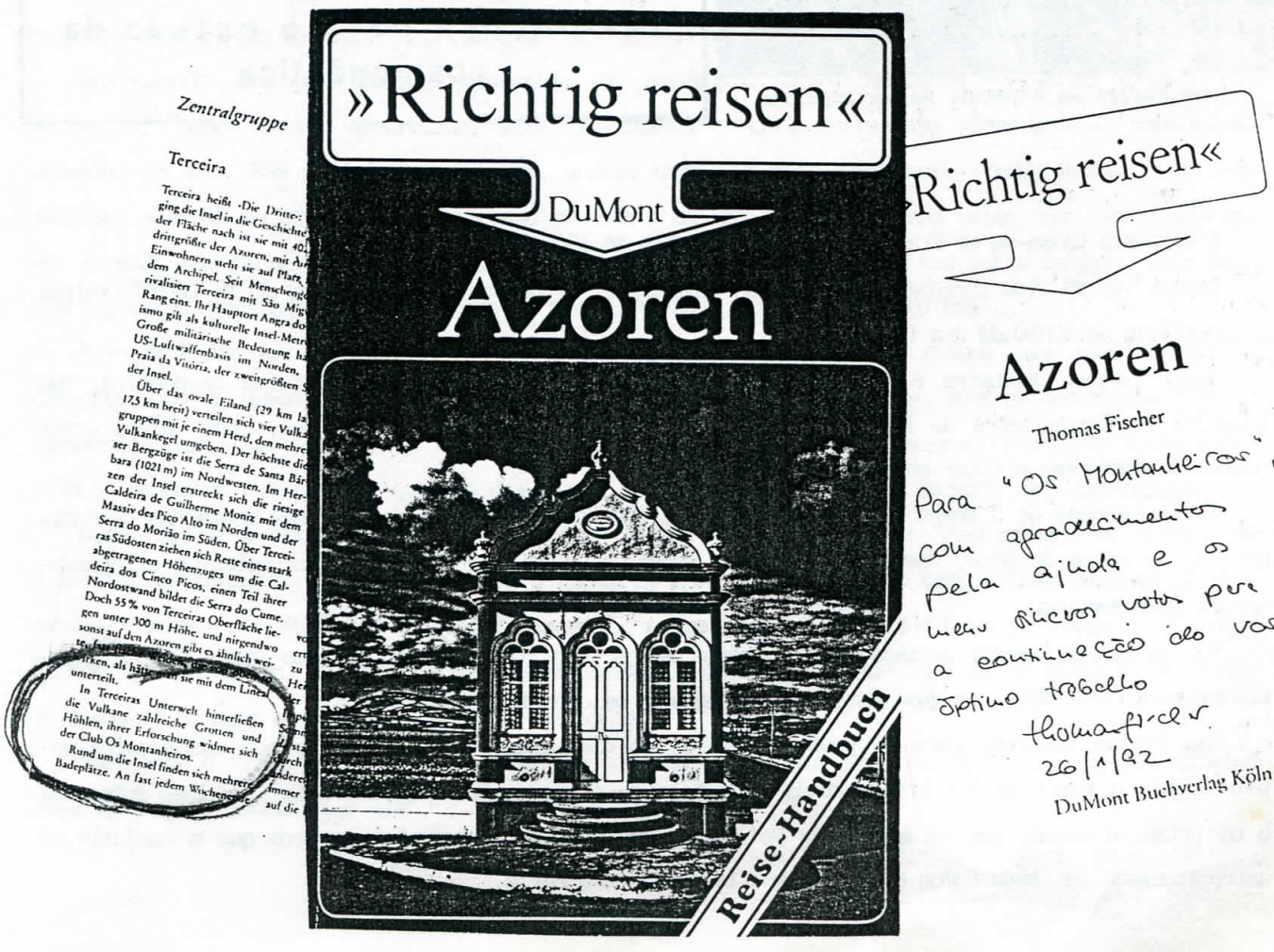
Á superficie do fundo do mar, antes do cimo da montanha chegar ao nível do mar, o contacto da lava quente com a água do mar deve ter resultado em violentas explosões de vapor, e a parte da montanha construida naquelas condições conterá uma grande porção de material explodido (piroclástico).

(CONTINUA)

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Desde o início do presente ano de 1992, foram algumas as obras e publicações recebidas por OS MONTANHEIROS, de que aqui deixamos referência, com os agradecimentos da nossa Sociedade:

- "JARDINS DO SABER E DO PRAZER", de Ana Luísa Janeiro, edições Salamandra;
- Relatórios : "Expedição Flores 90" (Philippe Brunet/Christian Thomas - organização dos clubes S.A.G.A., S.C.X. e G.R.E.S.) e "Cuba 91" (C.Touloumdjian e C. Thomas);
- UIS BULLETIN (Nºs 34 e 35, 1989 e 1990, do Boletim da União Internacional de Espeleologia, Austria);
- Revista "EM FORMA" ,nºs 13 e 14, Janeiro e Fevereiro de 1992;
- "Selected CAVES AND LAVA-TUBE SYSTEMS in and near LAVA BEDS NATIONAL MONUMENT, CALIFORNIA"- U.S. Geological Surve Bulletin 1673, por Aaron Waters, Julie Donnely-Nolan e Bruce Rogers;
- Nºs 38 e 39, Novembro e Dezembro de 1991, do jornal de Educação Ambiental;
- "RICHTIG REISEN" , pelo jornalista Thomas Fischer. Trata-se de um excelente livro, editado em Colónia-Alemanha, com uma descrição do Arquipélago dos Açores, nas suas várias vertentes, histórica, cultural, usos e costumes, mas sobretudo paisagística, com centenas de belíssimas fotografias



DOCUMENTOS VIVOS



Josie Laures no momento de ser retirada

OITENTA E OITO DIAS DEBAIXO DA TERRA

A ESPELEONAUTA JOSIE LAURES LEU, FEZ «TRICOT», ENTRANÇOU VIMES, OUVIU CANÇÕES NO GRAVADOR, MAS FICOU OBCECADA PELA COR ENCARNADA E JULGOU OUVIR PASSOS FANTASMAS

A experiência demonstrou que o «ritmo humano» não é condicionado pelo ciclo solar—importantes revelações para o estudo da cosmonáutica

A história passa-se em França, nos finais do ano de 1964, princípios de 1965.

Depois de 88 dias debaixo da terra, na caverna de Vigneron, a espeleóloga JOSIE LAURES voltou à superfície às 10H10 do dia 12 de Março.

Josie Laures, parteira e espeleonauta, dormiu o seu primeiro sono numa cama verdadeira, num hospital da Força Aérea de Paris, depois de sair da gruta subterrânea do Sul, onde julgou ouvir passos de fantasmas e ficar obcecada pela cor encarnada.

Na sua estada de 3 meses na gruta, a cerca de 100 metros de profundidade, nas montanhas de Audibergue, ao norte de Nice, Josie, de 26 anos, perdeu a conta dos dias. Os seus cálculos atrasaram-se em duas semanas.

Foi propositadamente deixada sem quaisquer meios para contar o tempo, como parte de uma experiênriência científica, na qual estavam interessados os cientistas da N.A.S.A..

Com óculos escuros, para se proteger da luz do dia, e com um capacete de aço usado pelos espeleólogos, a rapariga foi transportada para fora da gruta com a ajuda da Polícia, e logo submetida a um primeiro exame, por um médico da Polícia, antes de embarcar no helicóptero que a conduziu ao aeroporto de Nice, onde tomou o avião que a transportou a Paris.

Na capital francesa, seria submetida a vários exames com o fim de se determinarem os efeitos físicos da sua longa permanência e isolamento no fundo da gruta. Os elementos dos exames seriam registados e enviados para os Estados Unidos.

Desceu à caverna no dia 14 de Dezembro de 1964, numa experiência organizada pelo espeleólogo Michel Siffre, que permanecera também, em 1962, algumas semanas no fundo de uma gruta para experimentar os efeitos do isolamento e a capacidade do ser humano para contar o tempo.

Antoine Senni, outro "espeleonauta", desceu numa caverna próxima, mas só regressaria à superfície no dia 5 de Abril. Senni perdeu a noção do tempo, contando menos 1 mês do que Josie Laures.

Quando chegou à superfície, Josie, trazendo na mão um ramo de mimosas que lhe fora levado na véspera, declarou que se sentia como se estivesse "navegando pelo ar" e que tudo lhe parecia encarnado, em virtude da cor das paredes da sua gruta. Envergava um fato acolchoado, encarnado, manchado de lodo, que a protegera contra o frio e a humidade.

Foi rebocada por umas alças especiais, semelhantes às dos paraquedistas. A operação durou mais 70 minutos do que o previsto, por se ter rebentado um dos cabos. Michel Siffre, veterano espeleólogo, transportou-a às costas, nalgumas passagens mais difíceis.

O Dr. Alain Reinberg, perito em Espeleologia e de Medicina Espacial, declarou que Josie estava de boa saúde, segundo verificou num primeiro exame à saída da gruta.

O coração batia 90 vezes por minuto - o que era normal; a pressão arterial era de 13-7, também considerada normal.

Iria ser submetida a três semanas de exames médicos, primeiramente no Hospital da Força Aérea e depois numa clínica particular.

Ainda um pouco ofegante e atordoada, Josie Laures caíu nos braços da mãe, no aeroporto de Nice, enquanto seus amigos lhe ofereciam ramos de flores, com o que a fizeram soluçar.

Descansando numa sala médica escurecida, no aeroporto, Josie declarou que achou longo o seu cativeiro: "Nunca estive aborrecida, pois lia, fazia tricot, entrançava vimes e ouvia canções do gravador de som. Nos últimos dias, porém, andava cada vez mais preocupada comigo mesma. Sentia-me um pouco abatida e tinha perdido interesse em tudo o que se passava à minha volta. Por vezes, sentia-me zangada com Michel, por me ter metido nesta aventura. É claro que não estou zangada, pelo contrário, estou encantada por ter seguido os seus conselhos e sinto-me muito bem".

A experiência serviu para as investigações científicas do "ritmo humano" que condicionaria o comportamento do Homem submetido às viagens cósmicas. Quer os soviéticos, quer os americanos, inclinavam-se a que esse ritmo seria condicionado pelo ciclo solar. Os primeiros resultados desta experiência tenderam a demonstrar que não era assim, reagindo cada indivíduo segundo um ritmo peculiar.

Referindo-se à proeza de Josie Laures, o "Daily Mail" comentaria: "Não sabemos se havemos de felicitar ou consolar Josie: ela perdeu o contacto com o Mundo e com o tempo, libertando-se da abominável tirania do Relógio, do qual todos somos escravos, sem possibilidades de remissão. Quantos de nós não trocariam, de boa vontade, o incessante e obcecante tiquetaque de um relógio pelo ruído de uma gota de água a cair lentamente de uma rocha?

Para ela o tempo não continuou a correr como uma torrente sem fim. O tempo, que por ninguém espera, teve de esperar por ela".



BIOESPELEOLOGIA



Por: PAULO A. V. BORGES (*)



SOBRE ALGUNS RESULTADOS DAS EXPEDIÇÕES BIOSPELEOLÓGICAS DE "OS MONTANHEIROS"

Na sequência de um artigo recente publicado no Nº 6 desta mesma revista, " EXPEDIÇÕES BIOSPELEOLOGICAS DOS MONTANHEIROS AS ILHAS DO PICO, FAIAL E S.MIGUEL", pretendemos agora apresentar novos resultados recentemente coligidos.

Assim, recentemente recebemos uma carta do Dr. HANNELORE HOCH (Faculdade de Biologia-Zoologia da Universidade Philipps, Marburg, Alemanha) em que este apresenta os resultados do seu estudo de vários exemplares de HOMOPTERA, CIXIIDAE, capturados pelos Montanheiros durante as Expedições:

-(1991). Entre 28 de Março e 3 de Abril, **TORRES-91**, Expedição Espeleológica à ilha do Pico (Açores);

-(1991). 6-11 Junho, **ARCOSPEL-91**, Expedição Espeleológica à ilha do Pico (Açores).

Durante estas expedições muitas espécies interessantes foram por nós capturadas, algumas utilizando armadilhas outras através da captura directa.

De seguida apresentamos os resultados do estudo do Dr. H. HOCH, associando a estes informações espeleométricas retiradas de BORGES *et al.* (em impressão):

FAIAL

1- GRUTA DAS ANELARES

(Gruta da Lombega).

Localização= Lombega (Faial); Altitude= 80 m; U.T.M.= 3482/42663.

Comprimento= 35,5 m; Altura= 0,70-4,00 m; Largura= 1,40-2,50 m.

MATERIAL EXAMINADO - 1.IV.91; P. Borges leg., em raizes;

- **2 ninfas do V estado**, provavelmente do Cixiideo (*Homoptera, Cixiidae*) novo para a ciência e capturada na Gruta do Cabeço do Canto, Faial (= Gruta dos Concheiros). Esta espécie, ***Cixius cavazoricus* Hoch, n. sp.** (*Homoptera, Cixiidae*) (Faial, Açores), foi descrita em HOCH, H . (in press). Cave-dwelling *Cixiidae* (*Homoptera, Fulgoroidea*) from the Azores.

PICO

2- GRUTA DAS TORRES

Localização= Cabeço Bravo, Creação Velha (Pico); Altitude= 200 m; U.T.M.= 3681/42618.

Comprimento= 3 350 m; Altura= 0,50-15,00 m; Largura= 1,10-22,00 m.

MATERIAL EXAMINADO - 31.III.91; P. Borges leg., no pavimento da Gruta;

- Um exemplar macho e uma ninfa do V estado pretencentes a uma espécie epigea;

- **Um exemplar macho da espécie Troglóbia *Cixius azopicavus* Hoch, n. sp.** (*Homoptera, Cixiidae*) (Pico, Açores), que foi descrita da Gruta da Agostinha por HOCH, H . (in press). Cave-dwelling *Cixiidae* (*Homoptera, Fulgoroidea*) from the Azores.

3- GRUTA DOS ARCOS

Localização= Arcos, Mistério de St. Luzia (Pico); Altitude= 50 m; U.T.M.= 3778/42686.

Comprimento= 216,5 m; Altura= 0,30-2,10 m; Largura= 1,0-1,60 m.

MATERIAL EXAMINADO - 7.VI.91; P. Borges leg., em raízes;

- Um exemplar macho pretencente a uma espécie epigea;

- 7 ninfas do IV e V estados pretencentes a uma espécie Troglóbia, provavelmente da espécie ***Cixius azopicavus* Hoch, n. sp.** (*Homoptera, Cixiidae*) (Pico, Açores);

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, P, A. SILVA & F. PEREIRA (em impressão). Caves and pits from the Azores with some comments on their geological origin, distribution and fauna. *Proceedings of the 6th International Symposium on Vulcanospeleolgy* .

(*) Universidade dos Açores. Departamento de Ciências Agrárias -Terra Chã, 9702 Angra do Heroísmo. Terceira, Açores, Portugal.

CONTINUA

GRUTAS E ALGARES DOS AÇORES (12)

- ILHA DE SÃO MIGUEL -

GRUTA DO PICO DA CRUZ

LOCALIZAÇÃO: Pico da Cruz (P.Delgada)
ALTITUDE - 273 m
U.T.M. = 6217/41830
COMPRIMENTO - 98,5 m
ALTURA - 0,60/2,90 m
LARGURA - 0,85/5,40 m



A direita: foto obtida durante a expedição BIOSPEL 90, em que OS MONTANHEIROS e OS AMIGOS DOS AÇORES efectuaram o estudo e topografia deste interessante tubo de lava.

A GRUTA DO PICO DA CRUZ teve a sua origem numa pequena corrente de lava emitida pelo Pico da Cruz durante a sua fase efusiva. E um tubo tipo "unitary" ou "throughway" (Halliday &Larson,1983), embora estreito e baixo na sua maior parte, e tem grande interesse já que o corte transversal nos mostra a forma ovoide, quase dois arcos em ogiva invertidos, sendo esta a única gruta , até agora conhecida, com este tipo de contorno.

A entrada para esta cavidade processa-se através de dois pequenos desabamentos das abóbadas, próximos um do outro, precisamente na parte a jusante da corrente. No início do tubo, a montante, há um estreitamento e uma subida com um declive bastante acentuado,no sentido do cone do Pico da Cruz, baixando e fechando por completo.

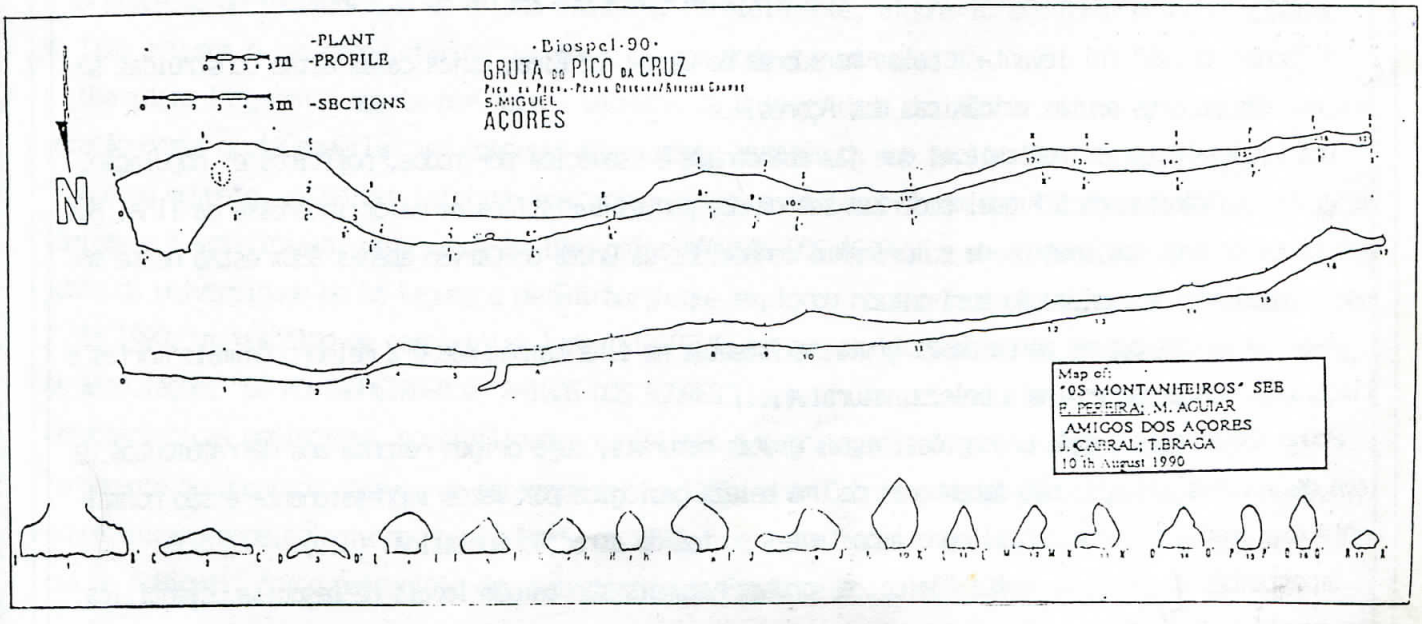
Nas proximidades da entrada, existe um pequeno "poço" com cerca de 2 metros de desnível, indo dar a um pequeno ramal que se desenvolve por debaixo do pavimento da galeria principal, sendo muito baixo e de difícil progressão.

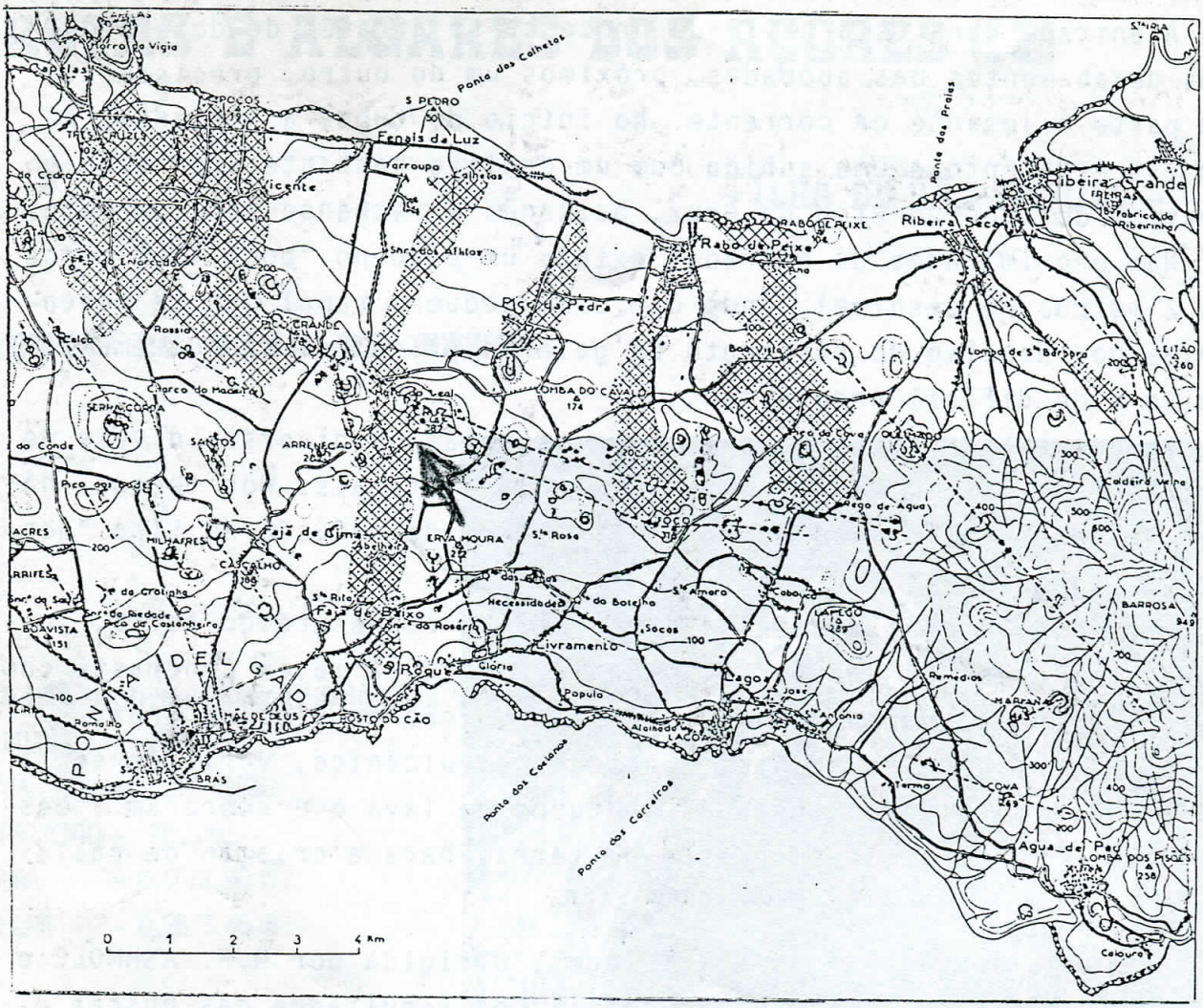
Em quase toda a extensão do tubo se notam os diversos níveis de drenagem da lava e sinais de escorrências laterais. Nos tectos, há em vários troços conjuntos de estalactites de refusão do tipo "dentes de tubarão".

Atendendo à proximidade da superfície e espessura do tecto, julgamos tratar-se de uma corrente de lava secundária,em contraste com outras grandes correntes emitidas pelo vulcão do Pico da Cruz.

Nos terrenos circundantes a este cone vulcânico, verifica-se a existência de diversos pedaços de tubos de lava que sobraram à destruição aquando da movimentação de terras para a criação de pastagens.

Em 1989, uma expedição de Biólogos, dirigida por N.P. ASHMOLE e P. OROMI, visitou esta Gruta; todavia, os resultados das buscas efectuadas e dos estudos feitos ainda não foram publicados,pelo que se desconhece a natureza da fauna desta cavidade.





Grutas vulcânicas de S. Miguel

UMA RIQUEZA ESQUECIDA

A "ponta do véu" foi levantada pelos moradores do Carvão de Cima, cujas casas estão construidas sobre uma das maiores grutas vulcânicas dos Açores.

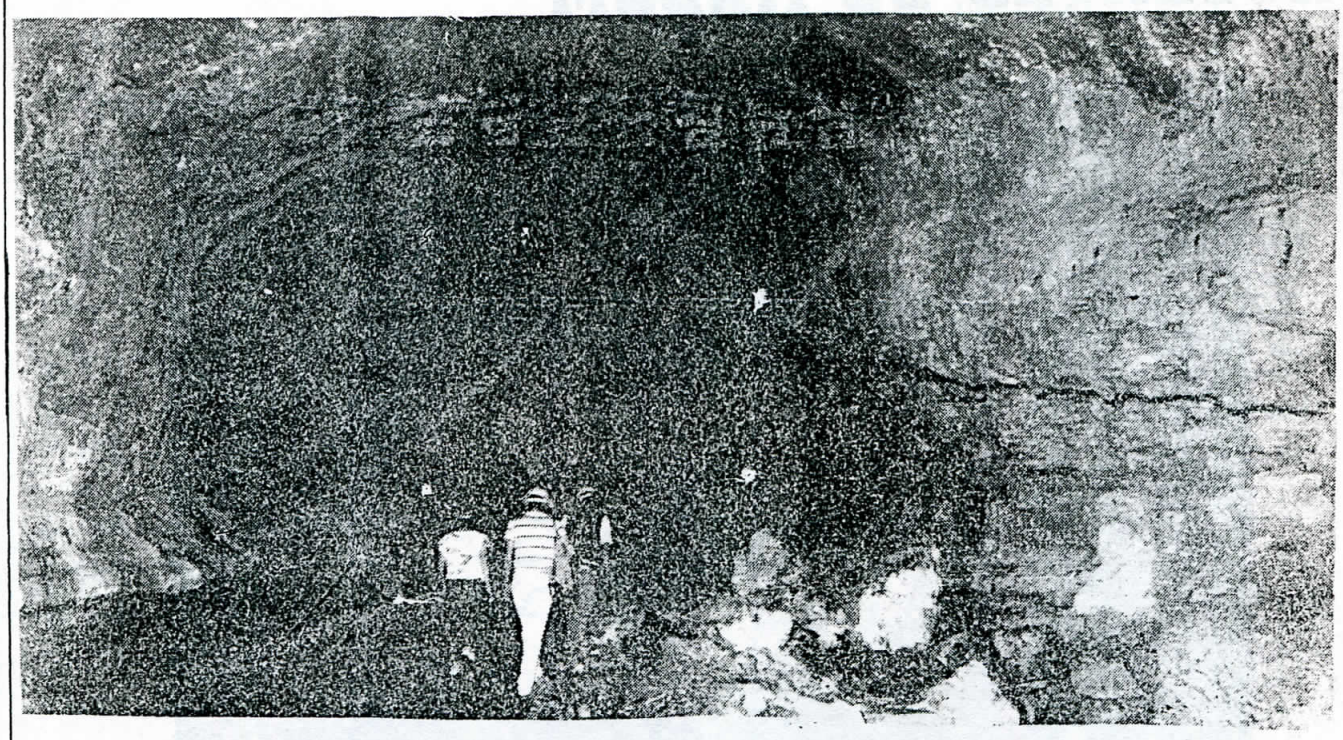
Uma riqueza natural incalculável que jaz abandonada e esquecida por todos, políticos e população, as grutas vulcânicas de S.Miguel poderiam ser um dos pontos turísticos de maior interesse da ilha. Mas dos cerca de três quilómetros de comprimento conhecidos da Gruta do Carvão apenas 980m estão neste momento passíveis de exploração turística.

A situação das outras cerca de 21 grutas existentes na ilha também não é a melhor. Animais mortos e lixos variados escondem-lhe a beleza natural.(...)

Pouco exploradas e nada protegidas, estas grutas naturais, cuja origem remonta aos derramamentos de lava de vulcões antigos, são detentoras de uma beleza geológica por vezes impressionante e são normalmente exploradas noutros locais como importantes pontos de atracção turística. (...)

Importantes do ponto de vista lúdico, as grutas naturais são também locais de pesquisa científica por excelência. Em Agua de Pau, por exemplo, foram descobertos há cerca de dois anos numa dessas grutas dois exemplares de insectos desconhecidos até então pelos cientistas.

No entanto, em S.Miguel, as grutas vulcânicas nunca chegaram a despertar o interesse das entidades oficiais nem da população em geral.



O caso do chamado Algar do Carvão, que na realidade se deverá chamar Gruta do Carvão devido à sua configuração horizontal, é bem exemplificativo da ameaça que paira sobre estas grutas. Uma série de famílias construiu as suas casas mesmo por cima de uma das maiores grutas dos Açores e neste momento encontram-se aterrorizadas pelo facto de as suas habitações se encontrarem em perigo de desabar.(...)

Com uma altura interna média de 4m, considerado pela comunidade científica como "considerável", os estudos já efectuados permitem concluir que a Gruta se estende por mais de 3 Km (...)

Situada em plena cidade, a Gruta do Carvão tem neste momento uma área passível de utilização de apenas 980m (...).Quer para N quer para S a passagem encontra-se bloqueada. Somente cerca de 1 Km mais a NE a Gruta volta a ser utilizável por mais 1 Km devido às muitas infiltrações de águas de esgotos e a um processo de sedimentação em estado avançado. Paralelamente, alguns locais foram mesmo atulhados de lixo e terra pelos proprietários dos terrenos por onde a gruta passa.

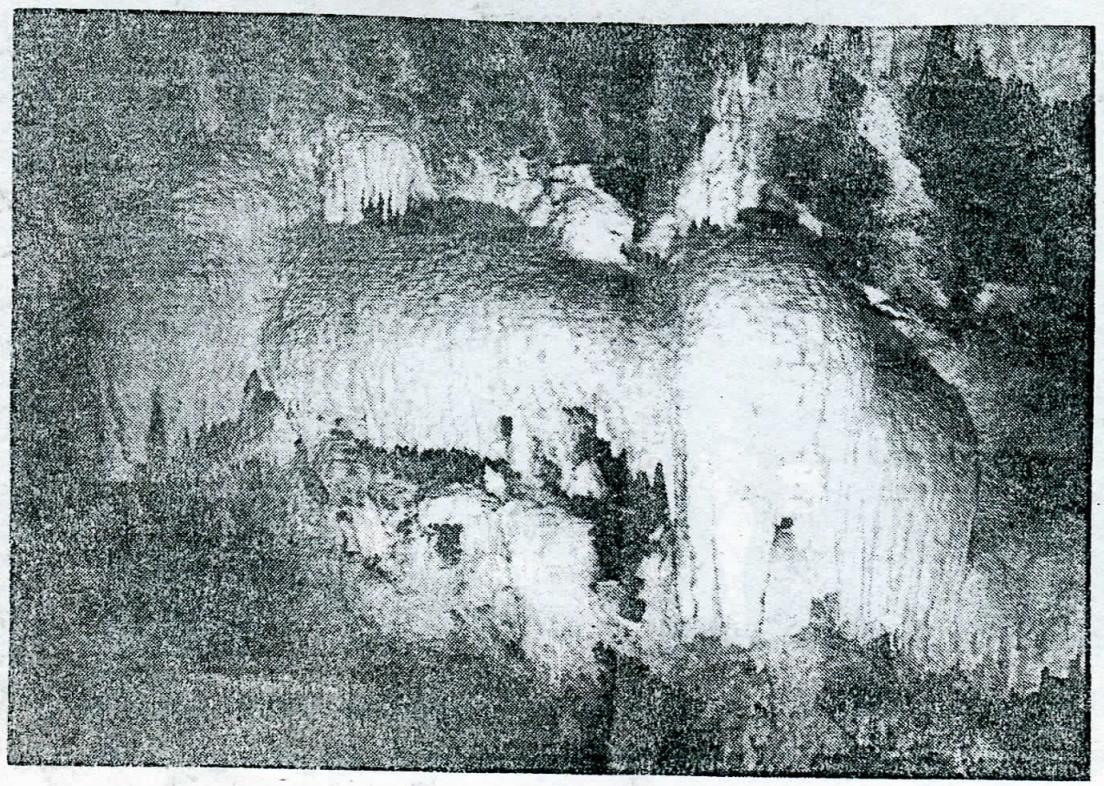
Uma ideia largamente aceite por muitos técnicos da Universidade dos Açores, é que as obras de recuperação desta gruta poderiam ser cobertas rapidamente através da sua exploração turística(...).

Até ao momento, as únicas iniciativas compreendidas neste campo foram uma listagem de 22 grutas vulcânicas e 4 artificiais, organizada em 1988 pelos "AMIGOS DOS AÇORES" e uma expedição científica conjunta da Universidade de La Laguna e de Edinburgh.que explorou no ano seguinte cerca de 20 grutas.

Em 1990, um trabalho de campo intitulado "BIOSPEL", em que participaram a Universidade dos Açores e as associações "OS MONTANHEIROS" e "AMIGOS DOS AÇORES",permitiu um primeiro levantamento do traçado, características geológicas, possibilidades turísticas e estratégicas de preservação. Esse trabalho foi largamente documentado através de fotografias. Em 1991, o Dr.Carreiro Nunes participou numa conferência sobre vulcano-espeleologia no Hawai. Ainda em 1992,deverá ser lançado um livro sobre as grutas vulcânicas de S.Miguel, com o patrocínio das Secretarias de Estado e Regional do Ambiente. (...)

MANUEL MONIZ, in "AÇORIANO ORIENTAL",19/JANEIRO/1992

RECORTES DO ALBUM



Na «paisagem subterrânea» da ilha Terceira: Aspectos como este de beleza irreal fazem do algar do Carvão uma gruta turística.

O ALGAR DO CARVÃO

NA PERSPECTIVA DE APROVEITAMENTO PARA GRUTA TURÍSTICA

IN "DIÁRIO INSULAR"
24 - AGOSTO - 1967

CONFERÊNCIA SOBRE «Formação e exploração de grutas»

pelo Dr. Martins Ferreira

Durante oito dias de permanência nesta ilha e em missão marginal dos estudos geológicos a que veio proceder, o dr. Martins Ferreira observou por incumbência superior as possibilidades de transformar em «gruta turística» o Algar do Carvão, uma das mais extraordinárias «paisagens subterrâneas» das ilhas.

Conhecendo muitas das famosas grutas turísticas da Europa, o dr. Martins Ferreira que se dedica à espeleologia é hoje considerado especialista destes assuntos, tendo proferido na séde de «Os Montanheiros» uma conferência, a muitos títulos notável, sob «Formação e exploração de grutas», a que se seguiu demorada e elucidativa sessão de perguntas e respostas e a exibição de diapositivos coloridos de famosas grutas, entre as quais a de Aracena, um dos atractivos turísticos da Espanha, e outra da Maiorca, cuja frequência anual é da ordem dos dois milhões de turistas.

Na sua conferência em que expôs, com notável método, aspectos da formação de cavernas calcáreas e outros assuntos relacionados com a espeleologia, o dr. Martins Ferreira disse, inclusivamente, qual o processo de evolução duma gruta (gruta jovem, gruta de meia idade e gruta velha) e deteve-se nas particularidades das deposições de calcites e de sílica coleidal que transformam essas grutas em monumentos de deslumbramento lá fora e, no caso dos Açores, no Algar do Carvão.

Durante troca de impressões que se prolongou por mais de 90 minutos e versando o assunto das grutas turísticas ao corresponder a uma pergunta, o dr. Martins Ferreira explanou-se em diversas considerações que haviam sido objecto de uma reunião com a Comissão Regional de Turismo em sequência de um pedido do Comissariado do Turismo.

Evidenciou o dr. Martins Ferreira o valor do Algar do Carvão nos circuitos turísticos nacionais e açorianos e teceu o elogio da «maravilha» que ali estadeia depois da zona de entrada que — disse — o desiludira.

DO LIVRO DE OURO:

Como espeleólogo e grande admirador das belezas naturais foi com grande emoção e prazer que tomei contacto com a espeleologia da região lávica. O Algar do Carvão que tive a oportunidade de visitar graças à boa amizade e camaradagem dos meus colegas «Os Montanheiros» permitiu-me alargar de maneira substancial os meus conhecimentos sobre a Geologia do Arquipélago.

À coragem e dedicação dêste grupo rendo as mais sinceras homenagens.

Bem hajam pois «Montanheiros» e... continuem!»

JAIME MARTINS FERREIRA

A PAISAGEM SUBTERRÂNEA
DA ILHA TERCEIRA
EXPLORADA POR ESPELEÓLOGOS
E EXALTADA POR CIENTISTAS

Numa conferência há dias realizada na séde da Sociedade «Os Montanheiros» pelo dr. Martins Ferreira — geólogo e entusiasta número um da espeleologia em Portugal — ouvimos a referência, realmente digna de registo, de que os exploradores da paisagem subterrânea terceirense (aliás também jorgense, graciosense e picoense) se haviam colocado numa posição de interesse histórico para a ciência do conhecimento de grutas vulcânicas na medida em que o seu trabalho permitia a cientistas devassar segredos e propor hipóteses.

A séde dos «Montanheiros» — quem o diria há uns três ou quatro anos? — tornou-se um centro de atracção de cientistas e turistas nacionais e estrangeiros que, vindos de longe (mesmo do Japão), trazem já o propósito formulado de se avistarem com uns «rapazes» da Ilha Terceira para se instruirem com algo de insólitamente maravilhoso que se póde descobrir em grutas, cavernas e algares, mais numas do que noutras mas sempre em plano de mistério.

Nos «Montanheiros» há hoje um livro de visitantes, por cujas folhas vão ficando gravadas apreciações a falar do interesse que impôs já o Algar do Carvão como uma das duas grutas portuguesas destinadas a funcionar como «grutas turísticas» com espectáculos de «luz e som» — algo cuja montagem custará os seus 1 500 contos.

"DIÁRIO INSULAR"
30/8/1967

DO LIVRO DE OURO:

Muitos parabens pelos magníficos diapositivos do Algar do Carvão e outras grutas da Ilha Terceira! Já conhecemos muitas grutas nas regiões calcárias do continente. As grutas em terrenos vulcânicos apresentam particularidades muito interessantes e muito diferentes. Muitos parabens igualmente pela extraordinária colecção de estalactites e estalagmites de lava, absolutamente únicas, que já tínhamos visto em 1966. Agradecemos muito pelas amostras que o grupo dos Montanheiros ofereceu para as colecções dos Serviços Geológicos de Portugal onde figuram em lugar da honra na «Secção dos Açores».

Divisão Geológica, Angra do Heroísmo 5 de Agosto de 1967

«Muitos parabens pelos magníficos diapositivos do Algar do Carvão e outras grutas da Ilha Terceira! Já conhecemos muitas grutas nas regiões calcárias do continente.

As grutas em terrenos vulcânicos apresentam particularidades muito interessantes e muito diferentes.

Muitos parabens igualmente pela extraordinária colecção de estalactites e estalagmites de lava, absolutamente únicas, que já tínhamos visto em 1966.

Agradecemos muito pelas amostras que o grupo dos Montanheiros ofereceu para as colecções dos Serviços Geológicos de Portugal onde figuram em lugar da honra na «Secção dos Açores».

ÚLTIMO PINGO



- NÃO...NADA DISSO! ESTAMOS EM TODAS, MAS...A MARTE...AINDA NÃO FOMOS...(NUNCA NOS CONVIDARAM...)
- ARMAS QUÍMICAS SOBRE A ILHA TERCEIRA ?
- TAMBEM NÃO...SOMOS POVO PACIFICO...TRABALHADOR...QUE PRODUZ E CONSOME TRANQUILAMENTE...
- MAS...ENTÃO ?
- TRATA-SE TÃO SOMENTE DE UM CASAL DE CIENTISTAS EUROPEUS...EM PESQUISA BACTERIANA...NO VASTO CAMPO DE ACÇÃO SITO AO MISTERIO DA FETEIRA...MESMO A ENTRADA DE ANGRA DO HEROISMO...!
- ... FAÇAMOS VOTOS PARA QUE CONSIGAM ISOLAR O VIRUS DESTA PRAGA QUE TANTO NOS AFLIGE...E QUE TRANSMITAM, URGENTEMENTE, AS EDILIDADES TERCEIRENSES OS RESULTADOS OBTIDOS!

PINGO DE LAVA

ÓRGÃO INFORMATIVO DE **"OS MONTANHEIROS"**
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO – Rua da Rocha, 6/8
9700 ANGRA DO HEROÍSMO – TERCEIRA/AÇORES
TELEFONE 22992
— DISTRIBUIÇÃO GRATUITA —

